

O pensamento inacabado de Josué de Castro: uma história da recepção de suas ideias (1973-2022)

Josué de Castro's unfinished thought: a history of the reception of his ideas (1973-2022)

<https://doi.org/10.26512/rhh.v11i22.52352>

André Francisco Berenger de Araújo
Secretaria Municipal de Educação, Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-7219-4129>
andrefrancisco21@gmail.com

Resumo

O texto busca investigar a recepção do pensamento de Josué de Castro no Brasil a partir de alguns seminários realizados em torno de sua obra, desde os anos 1970 até recentemente em 2022. Assim, buscamos perceber certas ênfases específicas em algumas temas, deslocamentos de certas ideias-força que evidenciariam as transformações não só no contexto social, econômico e político que resultam em mudanças no fenômeno da fome, mas também transformações nos princípios que orientariam movimentos e políticas públicas de combate à fome no decorrer desse período. Para isso, nos debruçamos sobre seminários realizados em torno da obra de Josué de Castro, publicados posteriormente em livros, mais do que obras individuais ou coletâneas, no sentido de que a mobilização de encontros para discutir as ideias de Josué indicariam algum esforço coletivo em torno daquelas ideias ali apresentadas. Acompanhar esses seminários permitiria descrever uma história não-linear da recepção do pensamento de Josué de Castro, em que diferentes aspectos de seu trabalho ganham ênfase ou diminuem em importância, de acordo com as expectativas e o contexto político de cada período.

Palavras-chave

Josué de Castro; Fome; Alimentação; Intelectuais; História do Brasil Recente

Abstract

This paper seeks to investigate the reception of Josué de Castro's thought in Brazil based on some seminars held around his work, from the 1970s until recently in 2022. Thus, we seek to perceive certain specific emphases in some themes, displacements of certain ideas that would highlight the transformations not only in the social, economic and political context that result in changes in the phenomenon of hunger, but also transformations in the principles that would guide movements and public policies to combat hunger during this period. To do this, we looked at seminars held around the work of Josué de Castro, later published in books, rather than individual works or collections, in the sense that the mobilization of meetings to discuss Josué's ideas would indicate some collective effort around those ideas presented there. Following these seminars would allow us to describe a non-linear history of the reception of Josué de Castro's thought, in which different aspects of his work gain emphasis or decrease in importance, according to the expectations and political context of each period.

Keywords

Josué de Castro; Hunger; Food; Intellectuals; Recent Brazilian History

Introdução

Josué de Castro (1908-1973) se tornou internacionalmente conhecido, ainda na década de 1940, por sua interpretação do fenômeno da fome, que o relacionava às estruturas econômicas dos países subdesenvolvidos e à necessidade de transformações políticas e sociais para enfrentar uma situação que se apresentava em todo o mundo. A partir de *Geografia da Fome e Geopolítica da Fome*, Josué ganha projeção nacional e internacional como figura central na formulação de propostas, algumas não bem recebidas pelas classes dominantes e representantes do imperialismo da época, para combater a permanência da fome entre a população no Brasil e outros países, em especial, do então chamado Terceiro Mundo. Suas ideias iam na contramão das interpretações racistas, que supunham uma incapacidade inerente a determinados povos de se desenvolver, e das interpretações neomalthusianas que, na época, se alarmavam com previsões catastróficas de uma superpopulação e a incapacidade de produzir alimentos suficiente, propondo um controle de natalidade, voltado principalmente para os países mais pobres. Josué se insurgia contra essas ideias, demonstrando não só a especificidade da fome em cada região, mas também a origem social baseada na má distribuição da riqueza produzida e na manutenção de uma estrutura social que impedia o desenvolvimento pleno de determinadas regiões do planeta.¹

A trajetória de Josué de Castro, assim como sua obra, é variada e multifacetada, como tem mostrado diferentes pesquisadores.² Formado em Medicina, desde cedo escrevia textos literários, e sua preocupação com o problema da fome o levou a se aprofundar nos estudos sociológicos e geográficos. Desde a década de 1930, portanto, Josué se preocupava com as condições de vida da população de Recife, em Pernambuco, desenvolvendo um primeiro inquérito sobre a alimentação da classe operária na cidade. Ao mesmo tempo, escrevia contos e descrições que apresentavam a situação dos moradores de mocambos da área do mangue da cidade, nos quais narra o que ele chamou de “ciclo do caranguejo”. Esses e outros textos foram reunidos e publicados em 1937, em *Documentário do Nordeste*. Sua preocupação com a fome se desenvolvia em

¹Para uma análise das transformações, contradições e limites do pensamento de Josué de Castro em sua tentativa de articular as dimensões biológica e social da fome, ver: MAGALHÃES, Rosana. Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

²MENDONÇA, Marina Gusmão de. O combatente da fome: Josué de Castro, 1930-1973. Bauru: Canal 6, 2021; AMORIM, Helder Remigio de. Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável. Jundiaí: Paco, 2022; LEME, Adriana Salay. Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma questão social no Brasil. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

um contexto no qual o tema já começava a ganhar importância internacional e sua abordagem foi dar relevo a um tipo de fome distinta da apresentada em grandes crises, como em grandes secas ou guerras, mas que era caracterizada pela falta permanente de certos nutrientes.

Seus estudos e seus esforços em desenvolver políticas de combate à fome o levaram a se envolver na formulação de políticas públicas desde o Estado Novo de Getúlio Vargas, quando Josué de Castro participa da criação de serviços e institutos de alimentação governamentais. Seus estudos na área médica da Nutrição também se mostram relevantes para a compreensão do fenômeno da fome, seja na publicação de sua tese para a Faculdade de Medicina de Recife, *O problema da alimentação no Brasil*, em 1933, seja no livro *Alimentação e raça*, de 1936. Com a publicação de *Geografia da Fome*, em 1946, seu reconhecimento passa a ser internacional. Na década de 1950, participa ativamente da Organização para Alimentação e Agricultura (FAO), e chega a presidi-la por dois mandatos consecutivos. No entanto, os limites orçamentários e políticos impostos pelos países mais desenvolvidos fazem a organização se restringir a um organismo de ajuda técnica, sem poder intervir efetivamente nas políticas de alimentação, chegando a frustrar Josué quando de sua saída da organização. No Brasil, é eleito deputado pelo PTB de Pernambuco e tem uma atuação parlamentar em defesa de um projeto que viabilize um conjunto de reformas sociais. Nesta trajetória, se aproxima das Ligas Camponesas e de seu representante Francisco Julião, fazendo campanha pela realização de uma reforma agrária. O livro *Sete Palmos de Terra e um Caixão*, de 1965, é resultado dessa aproximação e apresenta uma análise da situação social do Nordeste, dando ênfase à sua estrutura agrária e ao potencial explosivo das desigualdades sociais da região.

Sua atuação internacional é também significativa. Josué é indicado para o Prêmio Nobel da Paz e, embora não tenha sido escolhido, recebe outros prêmios e títulos. O livro *Geopolítica da Fome*, de 1951, tem um impacto significativo no campo intelectual e político ao apresentar a fome existente em diferentes regiões do planeta, sua descrição fisiológica e insistir em sua causa política na desigualdade entre as nações. Junto de outras personalidades e intelectuais, funda, em 1957, uma associação que pretendia servir de apoio para pesquisas, ajuda técnica e campanhas de combate à fome, articulando setores da sociedade civil e governos favoráveis às suas propostas, a Associação Mundial de Luta contra a Fome (ASCOFAM). *O livro negro da fome*, lançado em 1960, foi escrito como uma espécie de manifesto da Associação, no qual fazia uma avaliação das políticas de combate à fome da época e lançava as propostas daquele grupo.

Em 1964, Josué exercia o cargo de embaixador junto às Nações Unidas e, desde os primeiros dias do golpe militar, é destituído do cargo e impedido de voltar ao Brasil. Sua atuação internacional continua, inclusive dando aula em universidades francesas, e chega a radicalizar algumas posições, quando, por exemplo, vê com otimismo algumas ações da luta armada contra a ditadura no Brasil. Ainda no exílio, retoma os motivos de seus escritos literários da década de 1930 e publica, em 1967, o romance *Homens e Caranguejos*. Sua morte repentina, em 1973, acontece sem que ele consiga recuperar seu passaporte e voltar ao Brasil.

Por meio dessa breve apresentação de sua obra e trajetória, é possível reconhecer o caráter multifacetado do pensamento e da vida de Josué de Castro. Sua atuação, coerente em perseguir certo objetivo, variou no tempo e de acordo com as circunstâncias e, talvez por isso mesmo, Josué tenha se tornado um personagem incontornável, mas também, paradoxalmente, muitas vezes esquecido. Nesse sentido, assim como sua própria trajetória não pode ser tomada como um bloco homogêneo, tampouco a recepção de seu pensamento pode ser tomada assim. Em vez disso, como queremos mostrar neste texto, sua obra provocou diferentes impactos e foi lida de maneiras diferentes, a partir dos contextos e dos grupos específicos que tentavam recuperar sua figura nas décadas que seguiram à sua morte.

Assim, apesar da sua relevância incontestável no cenário nacional e internacional de seu período e sua profícua produção intelectual, seu nome, em geral, tem se mantido fora das coleções de intérpretes da realidade brasileira, produzindo uma espécie de frustração naqueles que se debruçam e buscam reconhecer a importância de seu pensamento. José Graziano da Silva e Carla Barroso Carneiro, em apresentação a uma publicação recente sobre Josué de Castro, observam que o autor figura ausente em um conjunto significativo de coletâneas sobre intérpretes do Brasil. Diferentes volumes, organizados por gente tão diferente como Fernando Henrique Cardoso, Sérgio Paulo Rouanet, Silviano Santiago, ou ainda Luiz Bernardo Pericás e Lincoln Secco, não incluem os textos de Josué de Castro em suas seleções:

Essa compilação de ausências, certamente não exaustiva, é simbólica. Falar de Josué de Castro, 50 anos após sua morte, é, ao mesmo tempo, confrontar-se com uma figura histórica que é um monumento em seu campo de estudo, mas também uma herança monumentalmente negligenciada. Apesar de dar nome a institutos em Pernambuco, seu estado

*natal, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, a obra de Josué permanece pouco conhecida do público em geral.*³

Sem dúvida, parte desse silêncio se deve ao apagamento que os governos militares a partir de 1964 impuseram sobre seu pensamento. No exílio desde os primeiros dias do golpe, sua morte em 1973 mal pôde ser noticiada nos jornais brasileiros, sua família impedida de dar entrevistas e mesmo seu enterro foi acompanhado de perto por agentes policiais. Segundo Helder Remigio de Amorim, que estudou a trajetória de Josué de Castro, “o controle da memória produzida sobre Josué de Castro se constituiu como um instrumento do esquecimento”.⁴ Marina Gusmão de Mendonça acrescenta outra camada na tentativa de se aproximar dos motivos pelos quais Josué é frequentemente esquecido como figura intelectual de relevo. Para a autora, que também escreveu sobre sua trajetória, “o ‘esquecimento’ de Josué de Castro está, provavelmente, muito mais ligado às suas próprias ideias e à incapacidade de setores consideráveis da sociedade brasileira de elaborar e levar adiante um projeto nacional”.⁵

Ainda assim, sem refutar a constatação da má recepção do pensamento de Josué de Castro no Brasil, uma série de encontros e publicações tentou, ao longo dos anos, retomar seu pensamento para responder aos desafios de seu tempo. Organizados por grupos e intelectuais de diferentes instituições, a maior parte desses encontros se justificou como uma busca de inspiração e de retomada das proposições de Josué de Castro para interpretar e propor saídas para o insistente fenômeno da fome coletiva no país. Ainda assim, é notória a repetida afirmação de que Josué de Castro não tinha o devido reconhecimento e suas ideias a devida consequência prática para o combate à fome. Uma observação do geógrafo Milton Santos talvez resuma o sentimento daqueles que escreveram e promoveram seminários, encontros e fóruns sobre seu pensamento: depois de lembrar que Josué vivera seus últimos anos no exílio, “ele se foi sem o brilho que se costuma dar aos grandes homens quando eles desaparecem. E até hoje nós não conseguimos resgatá-lo

³SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso. “Introdução”. In: SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). *Josué de Castro e a diplomacia da fome*. Brasília: FUNAG, 2023, p. 15.

⁴AMORIM, Helder Remigio de. *Josué de Castro*, op. cit., p. 49.

⁵MENDONÇA, Marina Gusmão de. *O combatente da fome*, op. cit., p. 16.

condignamente”⁶. Esse ensaio, portanto, tenta mapear algumas dessas tentativas.

No entanto, fazemos isso a partir de uma perspectiva que se coloca diante do pensamento de Josué não como algo estático, mas que chega a nós a partir de um processo turbulento e contraditório. Assim, compreender o pensamento de Josué é também compreender o modo pelo qual suas ideias chegaram até nós. Jeanne Marie Gagnebin, em sua leitura de Walter Benjamin, destaca esse aspecto para uma interpretação materialista de uma história das ideias, ou de uma história intelectual. Em vez de admitir os produtos do pensamento como uma herança a ser reivindicada como *posse* por um grupo ou outro, caberia enfrentar a questão do processo de sua *transmissão*. Gagnebin retoma um fragmento conhecido de Benjamin para desenvolver seus argumentos: “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura”⁷. Para Gagnebin, portanto, “Benjamin afirmará que nenhuma obra nos chega de maneira neutra, como se a ‘tradição’ histórica fosse um mero depósito de produtos prontos, que esperam imóveis nas gavetas empilhadas no tempo”⁸.

Em vez disso, retomar todo o processo de aceitação e rejeição, ampliação e encolhimento, enfim, de transformações de uma obra seria o método adequado para uma história que não encara o passado como um tempo esgotado, “mas uma instância que continua agindo e operando no presente, ainda que de forma velada”⁹. Assim, “uma análise histórico-materialista não pode se contentar com a análise do processo de produção da obra, mas deve igualmente considerar como tal obra ou tal acontecimento foi interpretado e retomado e chegou até nós por meio dessa interpretação, e não de maneira imediata e direta”¹⁰. A obra de Josué que conhecemos hoje, portanto, seria também resultado desse conjunto de leituras realizadas ao longo do tempo, que ressignificaram, a cada vez e de forma contraditória, os sentidos latentes de seu pensamento. É dessa perspectiva, portanto, que pretendemos examinar a recepção do pensamento de Josué de Castro sobre o fenômeno da fome

6SANTOS, Milton. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 8(1), 2003. p. 311.

7BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 225.

8GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin”. In: *Limiar, aura e memorização: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 214.

9GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin”, art. cit., p. 215.

10GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin”, art. cit., p. 214.

a partir de algumas publicações que são frutos de encontros em torno de sua obra, desde a década de 1970 até o tempo mais recente. Com isso, buscamos mapear diferentes ênfases, abordagens, destaques, apagamentos e interpretações que respondem não só a diferentes contextos históricos, mas também revelam, vistos em conjunto, a dimensão ampla, complexa e, podemos dizer, inacabada do pensamento de Josué.

Recepção do pensamento de Josué de Castro

Com o exílio de Josué de Castro a partir de 1964 e, especialmente, a partir de sua morte em 1973, suas obras são raramente editadas no Brasil. De fato, com exceção de *Geografia da Fome*, não se encontra, até hoje, edições recentes de seus outros livros: *Geopolítica da Fome*, *O livro negro da fome*, *Sete palmas de terra e um caixão*, *Homens e caranguejos*, para não falar dos livros anteriores ao *Geografia da Fome*. Por ocasião da publicação de uma coletânea de seus últimos escritos, em 1983, Anna Maria de Castro, sua filha e pesquisadora do mesmo tema, observa sobre o período posterior à sua morte: “suas obras deixaram de ser editadas no Brasil e poucos, das novas gerações, leram seus livros”¹¹. Talvez o único livro em torno da obra de Josué de Castro publicado no Brasil na década de 1970 tenha sido *Josué de Castro e a descoberta da fome*, do francês Alain Tobelem¹². Por esse motivo, tomamos esta obra como indício de alguma recepção do pensamento de Josué no período. No entanto, outros livros sobre o problema da fome foram publicados na época, mas justamente sob a perspectiva que tanto Josué de Castro combatia. Tomaremos um deles, tradução dos textos de um fórum realizado nos Estados Unidos, patrocinado pelo governo e indústrias de alimento desse país¹³, como indício de parte do processo de apagamento e esquecimento das ideias de Josué de Castro.

Na década de 1980, as lutas pela redemocratização, os novos movimentos sociais e sindicais, o retorno dos exilados, parecem ter contribuído para uma retomada do pensamento de Josué, na medida em que se buscava retomar a discussão do modelo político e social do país. Como já mencionamos, Anna

11CASTRO, Anna Maria (org.). *Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 10.

12TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1974.

13HARDIN, Clifford M. (org.). *Fome: um problema angustiante*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1969.

Maria de Castro organiza uma publicação com textos de Josué de Castro nunca antes publicados no Brasil, *Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro*. E um seminário denominado *Raízes da Fome* também é realizado em 1983 e resulta em um livro de mesmo nome, publicado três anos depois¹⁴. O volume apresenta um esforço de descrever a situação alimentar da população naquele momento e retomar, sob o impacto das lutas pela redemocratização, algumas propostas de Josué de Castro para o combate à fome.

A década de 1990 é marcada por um movimento cultural que deliberadamente recoloca Josué de Castro no debate público. Chico Science e outros artistas articulam o movimento *manguebit* em que retomam a figura do mangue e do caranguejo, presente particularmente nos escritos literários de Josué de Castro, para propor uma reflexão política e estética sobre a desigualdade social no Brasil e, em especial, na cidade de Recife¹⁵. Sob o impacto das políticas neoliberais da época, o nome de Josué recuperado pelo *manguebit* funcionava como um dos elementos de subversão do conformismo que rondava o debate político de então. Ainda como indício da recepção do pensamento de Josué de Castro nesse período, tomamos a publicação dos anais de um fórum promovido pela Secretaria de Planejamento do Estado de Pernambuco, realizado em 1993¹⁶, para mapear as principais questões tomadas do pensamento de Josué no âmbito da formulação de políticas públicas contra a fome do período e em que medida elas apontariam um movimento duplo da recepção do pensamento de Josué: entre a luta contra fome como emancipação humana e transformações sociais profundas e a imediata garantia do direito à sobrevivência.

Em 2002, a Fundação Perseu Abramo, ligada ao Partido dos Trabalhadores, organiza um seminário *Josué de Castro e o Brasil*, publicado em livro no ano seguinte¹⁷. Este é o período de eleição do primeiro governo do PT, marcado, ao mesmo tempo, por promessas de combate à fome e à pobreza e por compromissos com o mercado financeiro, produzindo um equilíbrio delicado

¹⁴MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986.

¹⁵OLIVEIRA, Thiago Azevedo Sá de. *O leitor verá... O itinerário da obra literária de Josué de Castro*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. p. 136-149.

¹⁶INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. *Anais do 10 Fórum A Fome e a Atualidade de Josué de Castro*. Recife: CONDEPE, 1994.

¹⁷ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003a.

que vai marcar toda a gestão que começa em 2003.¹⁸ De qualquer maneira, esse seminário apresenta algumas ideias que seriam retomadas no programa Fome Zero, símbolo daquele período.¹⁹ Examinar como o pensamento de Josué de Castro é mobilizado nesse contexto, a partir do deslocamento de temas como reforma agrária ou da alimentação como direito cidadão, pode mostrar como aquele duplo movimento de recepção se desenvolve nesse contexto histórico particular.

Por fim, vinte anos depois, em 2021, um seminário baseado na Cátedra Josué de Castro da Universidade de São Paulo é realizado e publicado sob o título *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*.²⁰ O contexto de realização do seminário, e que é objeto de análise dos participantes e autores dos textos que compõem o livro, é marcado pela necessidade de avaliação de um movimento duplo: por um lado, em 2014, o Brasil saíria do Mapa da Fome, reduzindo consideravelmente o número de famintos no país; no entanto, a partir de 2016, a política de segurança alimentar começa a ser desmontada e se radicaliza a partir da eleição de Jair Bolsonaro em 2018. A pandemia iniciada em 2020 torna a situação da fome ainda mais alarmante. É nesse cenário que o seminário é realizado e precisa responder sobre as novas condições sociais e políticas e avaliar os motivos pelos quais a política de combate à fome pôde ser desmontada tão rapidamente. É, portanto, para dar conta dessas novas questões que os autores mobilizam o pensamento de Josué de Castro em uma diferente configuração, marcada pela urgência característica desse tempo.²¹

Os aspectos brevemente apresentados acima serão desenvolvidos nas seções a seguir. Em cada uma, tentaremos discutir o modo pelo qual o pensamento de Josué de Castro foi mobilizado para emprestar sentidos próprios em cada contexto, quais conceitos foram priorizados, negligenciados ou desenvolvidos. Os aspectos médicos, nutricionais e as descrições fisiológicas dos efeitos da fome, presentes na obra de Josué de Castro, perderam força nessas leitu-

18BRAGA, Ruy. A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012; SINGER, André. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

19SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Eduardo del; FRANÇA, Caio Galvão de (orgs.). Fome Zero: a experiência brasileira. Brasília: MDA, 2010; ARANHA, Adriana Veiga (org.). Fome Zero: uma história brasileira (3 vols.). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010.

20CAMPOLLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs.). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

21ARANTES, Paulo. O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.

ras, que privilegiaram as dimensões mais propriamente econômicas e políticas que o pensamento de Josué poderia engendrar.²² Ainda assim, nem sempre em um único sentido. Enquanto em determinados momentos seu pensamento era mobilizado para despertar um horizonte de expectativas de transformação mais profunda, em outros a formulação de políticas públicas que buscavam combater a fome, mas que adiavam a transformação do modelo socioeconômico, ganhou mais relevância. Em tempos mais recentes, o imperativo de uma nova denúncia da situação de fome fez retomar o aspecto militante do pensamento de Josué, mas talvez já sob uma perspectiva que limitava seu horizonte de expectativa a uma última oportunidade de erradicar a fome. Sem pretender uma análise exaustiva de cada contexto, acreditamos que é possível mapear a recepção das ideias de Josué ao longo do tempo e observar uma trajetória que se desenvolve de modo nem sempre linear. Mesmo em seus aspectos contraditórios, a vida da obra de Josué de Castro vai se apresentando, ao longo do tempo, em diferentes camadas de sentido que complexificam ainda mais o significado e o lugar de seu pensamento na história do combate à fome.²³

Josué de Castro e a descoberta da fome (ou, um problema angustiante), 1974

Publicado um ano após a morte de Josué de Castro, mas sem mencioná-la, *Josué de Castro e a descoberta da fome*²⁴ é, provavelmente, o único livro sobre o autor publicado no Brasil na década de 1970. Em um estudo sobre a recepção dos escritos literários de Josué de Castro, Thiago Oliveira observa que a leitura realizada por Tobelem tem certo tom impressionista, por meio do qual recupera aspectos biográficos do autor para a compreensão do texto literário, sobrepondo “a compreensão intuitiva do texto à teorização dos elementos

²²Para um estudo recente sobre os efeitos da desnutrição na vida dos indivíduos, ver: SAWAYA, Ana Lydia (org). *Desnutrição, Pobreza e Sofrimento Psíquico*. São Paulo: Edusp, 2011.

²³Vale conferir o comentário de Mikhail Bakhtin sobre a trajetória de grandes obras artísticas e de pensamento da humanidade: “no processo de sua vida post mortem elas se enriquecem com novos significados, novos sentidos; é como se essas obras superassem o que foram na época de sua criação. (...) Os fenômenos semânticos podem existir em forma latente, em forma potencial, e revelar-se apenas nos contextos dos sentidos culturais das épocas posteriores favoráveis a tal revelação”. BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 14-15. O sentido inacabado do pensamento de Josué de Castro que sugerimos no título, portanto, se apresenta não só na constatação da insistência do fenômeno da fome coletiva e na inconstância das políticas de combate à fome, mas também no processo de transformação permanente e contraditória, ao longo do tempo, dos sentidos latentes de sua obra, como sugere Bakhtin.

²⁴TOBELEM, Alain. *Josué de Castro e a descoberta da fome*, op. cit.

narrativos da obra literária”.²⁵ De fato, mesmo na apresentação dos escritos não-literários de Josué, Tobelem parece se orientar por uma apreciação guiada seja por aspectos biográficos do autor, seja por sua própria visão das demandas de seu tempo, em vez de uma tentativa sistemática de estudo do pensamento de Josué. No entanto, como o próprio Oliveira recupera, uma leitura “impressionista” não seria em si mesmo um defeito. Antonio Candido alerta para esse tipo de leitura que, “se for eficaz, estará assegurada a ligação entre a obra e o leitor, a literatura e a vida cotidiana (...). Inversamente, se ela não existir, perder-se-á este ligamento vivo, e os críticos serão especialistas, no sentido que a palavra assumiu na ciência e na técnica”. Concluindo em um estilo equilibrado, Candido afirma: “ora, isto poderia ser riqueza de um lado, mas, de outro, empobrecimento essencial”.²⁶

De fato, Tobelem retoma o pensamento de Josué de Castro em um sentido que o toma para responder a certos desafios em curso. Tobelem revisita a obra de Josué de Castro, destacando sua múltipla forma de intervenção: entre o médico, o sociólogo e o geógrafo. Enquanto médico, Tobelem recupera as pesquisas de Josué sobre a fome e destaca sua insistência em descaracterizar certos aspectos de uma população como “naturais”, determinados pela “raça”, indicando sua relação com a carência de determinados alimentos. Em vez de certas características físicas, ou mesmo as que eram relacionadas à falta de aptidão para o trabalho, serem encaradas como naturais, Tobelem recupera a análise de Josué sobre “o efeito degradante das carências protéicas sobre as características antropológicas do indivíduo, que muitas vezes se atribuía à hereditariedade”.²⁷

Ao mesmo tempo, Tobelem descreve certas análises sociológicas de Josué que denunciariam tanto uma estrutura social arcaica mantenedora de desigualdades sociais históricas, quanto também a necessidade de realizar críticas à ideia de progresso. Segundo Tobelem, a análise de Josué sugeriria uma “tomada de consciência da necessidade de adaptar o progresso às realidades práticas e existenciais”.²⁸ De certa maneira, a leitura de Alain Tobelem sobre Josué de Castro identificaria neste autor o que Karl Polanyi chamou de “des-

²⁵OLIVEIRA, Thiago Azevedo Sá de. O leitor verá..., op. cit., p. 50.

²⁶CANDIDO, Antonio. Crítica impressionista (1958). Remate de Males, Campinas, número especial, p. 59-62, 1999. p. 59.

²⁷TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 52.

²⁸TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 66.

coberta da sociedade” como uma espécie de proteção contra os efeitos desastrosos do livre mercado e do economicismo do século XIX.²⁹ De fato, segundo Tobelem, ao analisar o problema da fome como um problema sociológico, Josué formula “um certo número de acusações, em face da necessidade absoluta de determinar responsabilidades. Josué de Castro pensa que não se deve acusar a fatalidade mas, sim, o *economismo*, especialmente do século XIX”.³⁰

No aspecto geográfico, Tobelem destaca a recusa de Josué de Castro em responsabilizar condições naturais, como o solo ou o clima, pelo fenômeno da fome de determinadas regiões. No que diz respeito aos solos, por exemplo, segundo Tobelem, Josué contestaria a afirmação de que a pobreza de determinados tipos de solo determinaria a fome dessas regiões. Em vez disso, Josué acusaria diretamente o latifúndio e a monocultura como fatores de degradação do solo, colocando em termos sociais as supostas insuficiências naturais de certas regiões. Escrevendo cerca de dez anos após a Revolução Cubana, Tobelem toma esse país como exemplo ao analisar sua situação pré-revolucionária: “em Cuba, por exemplo, as condições naturais da ilha eram ideais para uma alimentação variada e suficiente. Mas os solos foram empobrecidos pela monocultura do açúcar”.³¹ Ou ainda, “as teorias que negam a ação do homem sobre as condições naturais e fazem do fenômeno da fome ou da subnutrição uma espécie de fatalidade (...) não podem mais ser sustentadas, nem levadas a sério depois da obra de Josué de Castro”.³²

Como já é possível perceber, a análise de Tobelem sobre o pensamento de Josué de Castro conduz o leitor à responsabilização histórica do colonialismo e do neocolonialismo pelo fenômeno da fome, assim como as estruturas agrárias e sociais deixadas nas regiões do mundo que passaram por esse processo histórico. Tobelem analisa a situação do Nordeste brasileiro, a partir de *Sete palmas de terra e um caixão*, e da África e Ásia, a partir de *Geopolítica da Fome*, para afirmar os efeitos que o colonialismo e o neocolonialismo deixaram sobre as populações dessas regiões do mundo. Tobelem, na sua crítica de tipo “impressionista”, que quer levar o pensamento de Josué de Castro à dimensão da vida prática, enxerga uma crítica moral na análise de Josué sobre os efeitos do colonialismo: “na obra de Josué de Castro essa constante [dos malefícios

29POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nossa época. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

30TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 73.

31TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 79.

32TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 83.

do colonialismo] apresenta-se sob a forma de uma denúncia do egoísmo dos colonizadores que não hesitaram em pôr em perigo, ou destruir gravemente, o equilíbrio alimentar das populações que submeteram”.³³

Assim, no livro de Tobelem, a obra de Josué de Castro aparece como um alerta:

*a obra de Josué de Castro constitui uma espécie de advertência aos homens, a todos os que já não podem ignorar mais que as suas misérias não são inelutáveis e que se torna necessário deixar de invocar como causa o azar dos climas ou, ainda, a origem divina da desigualdade na distribuição das riquezas.*³⁴

O sentido geral que Tobelem dá à obra de Josué de Castro, portanto, se orienta pela possibilidade de uma transformação profunda da estrutura social e política dos países, marcada, naquele contexto do início da década de 1970, pela Revolução Cubana e pelas lutas de independência de nações da África e da Ásia. Tobelem retoma a análise sobre as Ligas Camponesas de Josué de Castro do período anterior ao golpe de 1964, para afirmar que a luta contra a fome se constitui como uma mobilização por transformações profundas:

*a massa explorada e sofredora do Brasil sabe que não deve colocar as suas reivindicações em termos de caridade, mas, sim, em termos políticos, econômicos e sociais: - surge a ideia de revolução. Seja qual for o grau de consciência política das sociedades, elas são as únicas a poder decidir da sua sorte e tem que assumir as suas responsabilidades.*³⁵

A ideia de revolução surge com força, como um horizonte de expectativas possível naquele contexto. Mesmo as medidas mais práticas se apresentam com uma radicalidade que implicam em uma transformação profunda não só da distribuição da terra, mas também do modelo de sociedade:

a reforma agrária apresenta-se, portanto, como uma necessidade histórica, um ‘imperativo nacional’. Essa reforma implica essencialmente a revisão das relações jurídico-econômicas entre proprietários e trabalhadores rurais, uma limitação das explorações, a introdução de técnicas agrícolas apropriadas que permitam rendimentos mais elevados e me-

33TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 98.

34TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 129.

35TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 151.

*lhor repartidos, uma regulamentação dos problemas dos arrendamentos, dos contratos de trabalho: - o que significa que é necessário ir contra a inércia dos privilégios tradicionais.*³⁶

Alain Tobelem reúne seus esforços em destacar a luta de Josué de Castro contra os determinismos e fatalismos, de origem climática ou racial, que orientavam as interpretações hegemônicas sobre o fenômeno da fome, assim como as soluções neomalthusianas que previam um controle de natalidade nos países mais pobres. Naquele contexto, mesmo sem a adesão completa de Tobelem, essas ideias levavam a um horizonte de expectativas que vislumbrava uma transformação radical das estruturas sociais em países do Terceiro Mundo, em parte orientadas pelas ideias socialistas. Em síntese, seria possível afirmar que *Josué de Castro e a descoberta da fome* realiza uma leitura marcada pela luta contra determinismos raciais e naturais e por uma experiência que sentia nas lutas antiimperialistas em curso uma expectativa de ver solucionado o problema da fome em uma perspectiva global, marcada pela produção de modelos, em alguma medida, não-capitalistas de sociedade. As primeiras leituras de Josué de Castro após sua morte mobilizam, portanto, as dimensões do seu pensamento que se voltam para uma transformação profunda da sociedade. Essa perspectiva vai ser retomada na década de 1980, mas ganha diferentes contornos nas décadas seguintes, como poderemos observar.

Fome, um problema angustiante, 1969

No entanto, a perspectiva apresentada por Tobelem contrasta com o silêncio em torno da obra de Josué de Castro a partir de sua morte, como já assinalado acima, e com as perspectivas que pareciam orientar as medidas políticas que lidavam com o fenômeno da fome no período. Em 1969, é publicado pelas Edições O Cruzeiro, a tradução do livro *Fome: um problema angustiante*.³⁷ Segundo o próprio organizador, o livro é resultado de um seminário realizado nos Estados Unidos, patrocinado por fundações de empresas ligadas ao ramo da indústria de alimentos (como a Kellogg's Foundation) e das grandes Ford Foundation e Rockefeller Foundation.³⁸ As intervenções dos autores, ligados

³⁶TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 150.

³⁷HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit.

³⁸O seminário foi parte do 340 programa da Assembleia Americana, um think tank ligado a Universidade de Columbia, fundado em 1950 pelo General Dwight Eisenhower. Os textos apresentados no livro foram originalmente destinados como leitura básica para os participantes do seminário, realizado

às fundações mencionadas e ao departamento de agricultura do governo dos Estados Unidos, partem do diagnóstico catastrófico de superpopulação como causadora da fome para apontar as medidas que deveriam ser tomadas, especialmente pelos países do Terceiro Mundo. Ao mesmo tempo, definem critérios para orientar a “ajuda” que os países desenvolvidos deveriam fornecer para solucionar a fome. Do sucesso dessa ajuda dependeria “a esperança da manutenção da ordem civil e coerência política” como requisito, principalmente, para “reduzir a tensão em torno da provisão nacional de alimento”³⁹, ou seja, a redução da chance de conflitos sociais que ameaçariam os interesses privados de mercado.⁴⁰

A análise sobre as contradições sociais e a má distribuição de riqueza é substituída por uma projeção de um aumento populacional que não seria acompanhado pela produção de alimentos, em uma retomada clássica do pensamento malthusiano, criticado explicitamente por Josué de Castro⁴¹. Vale citar o trecho para notar o argumento que Josué de Castro combatia em seu tempo:

*O fato é que índices de crescimento demográfico mais lentos tornariam na maioria dos casos mais fácil acumular capital em forma de equipamento produtivo, educação e proteção da saúde. O crescimento mais lento, portanto, provavelmente estimularia o crescimento do produto econômico total, e maior produção total para as populações de crescimento mais lento significa rendas per capita de crescimento mais rápido.*⁴²

em 1968. O prefácio é assinado por Clifford Hardin, Secretário de Agricultura dos Estados Unidos da época, e os textos são assinados por: Don Paarlberg, ex-subsecretário de agricultura dos Estados Unidos; George Harrar e David Bell, presidente e vice-presidente da Fundação Rockefeller; Sterling Wortman, diretor de ciências agrícolas da mesma fundação; e Lowell Hardin, assessor do programa de agricultura da Fundação Ford. HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit.

³⁹HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit., p. 35.

⁴⁰Para uma análise sobre as intervenções estadunidenses em defesa dos seus interesses empresariais, principalmente na América Latina, ver: DREIFUSS, René Armand. “Anos 70: intervenção ‘fria’ no Brasil e ‘quente’ no Chile”. In: A internacional capitalista: estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986). Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1986.

⁴¹CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1951.

⁴²HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit., p. 34.

Ao mesmo tempo, uma suposta escassez de terras agricultáveis é mobilizada para justificar a necessidade de um crescimento mais lento da população como forma de facilitar a acumulação de capital e o desenvolvimento técnico agrícola para a produção de alimentos.⁴³

Assim, textualmente, os autores definem ao menos três eixos de atuação. Em primeiro lugar, “políticas de limitação da família (...) para o controle demográfico eficaz agora, isto é, reduzindo-se a propensão de reproduzir”, em uma clara interpretação racista de uma suposta tendência irracional à reprodução em países mais pobres que dificultaria o acesso aos alimentos. Em segundo lugar, “desenvolvimento agrícola para aumentar a produção de alimento nas nações famintas”, o que incluiria a intervenção das indústrias de alimento dos Estados Unidos a partir da “ajuda técnica”, assim como a mudança de hábitos alimentares para a aceitação de novos produtos agrícolas ou industrializados. E, por fim, “reformas econômicas, políticas e sociais, nos países em desenvolvimento, destinadas a fomentar o desenvolvimento econômico total”⁴⁴, em que não são explicitadas medidas de redistribuição da riqueza, mas de expansão da fronteira agrícola e crescente mercantilização da terra. Vale notar que Josué de Castro chegou a sugerir que a agricultura não deveria ser considerada uma atividade com fins lucrativos, mas um serviço de saúde pública, para obtenção de bem-estar coletivo.⁴⁵

Essa agenda de intervenção política e econômica vai, em parte, ser levada a cabo pelos governos militares dos anos 1970. Dreifuss nota a organização de grupos empresariais nacionais e estadunidenses, com a participação de militares da Escola Superior de Guerra e instituições financeiras como o Banco Mundial, para realizar “a propaganda da modernização capitalista do campo por meio da grande empresa agroindustrial”, assim como o apoio do Banco

43HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit., p. 34. Já em Geopolítica da Fome, de 1951, Josué de Castro contra-argumentava sobre a suposta escassez de terras e a superpopulação, desnaturalizando o modelo de economia de mercado e recolocando o problema da relação entre a população, a terra e a alimentação em uma perspectiva histórica. Ver, por exemplo: “com o problema da produtividade dos solos, dá-se o mesmo que com o problema da densidade de população: são problemas que não podem ser encarados em termos absolutos, mas como variáveis ou funções dos tipos de organização econômica em jogo. Não há, para o solo, nem limites absolutos de produtividade – a chamada potencialidade biótica, de Vogt – nem limite absoluto de capacidade demográfica”. CASTRO, Geopolítica da fome, op. cit., 262-263, sem grifos no original.

44HARDIN, Clifford M. (org.). Fome: um problema angustiante, op. cit., p. 14.

45MENDONÇA, Marina Gusmão de. O combatente da fome, op. cit., p. 162; CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome, op. cit., p. 263.

Mundial “à participação da empresa privada no desenvolvimento agrícola”.⁴⁶ De fato, durante a década de 1970, a produção da agricultura e da pecuária cresceu em níveis consideráveis. Mas, embora esta produção fosse suficiente para atender às necessidades nutricionais, “os preços dos alimentos continuavam elevados e a questão da fome já se destacava na realidade brasileira, associada à questão da carestia dos alimentos e à inflação”.⁴⁷

Assim, em um período decisivo de ocultamento do pensamento de Josué de Castro, empresários e governos alinhados configuravam o pensamento econômico liberal de modo a mobilizar o combate à fome para favorecer a concentração de capital e, como justificativa, culpabilizar o faminto por sua própria pobreza, imputando-lhe uma propensão irracional a reproduzir-se que o impediria o acesso aos alimentos no mercado. A propaganda neomalthusiana pode ter sido tão eficaz que, mesmo no livro de Alain Tobelem, que, como vimos, não deixa de ser um elogio à obra de Josué de Castro, apresenta os seus efeitos. Em suas conclusões, Tobelem termina por defender um “acréscimo” às discussões realizadas: “torna-se necessário colocar o problema nutricional em termos novos e, embora dentro do espírito definido por Josué de Castro, acrescentar o que ainda não foi claramente explicitado: a necessidade de opor ao crescimento demográfico limitações sérias e eficazes”.⁴⁸

Raízes da Fome, 1983

Raízes da Fome é resultado de um seminário realizado em São Paulo, em 1983, sobre o tema da “fome” e como parte de um conjunto de outras iniciativas que tinham o objetivo de recuperar a memória e o pensamento de Josué de Castro, depois de dez anos de sua morte. Segundo Anna Maria de Castro, no prefácio ao livro, teriam sido realizadas atividades semelhantes em outros estados, como Pernambuco, Paraná, Bahia, Paraíba e Pará, além de ter sido publicado um livro com uma seleção de últimos escritos de Josué de Castro.⁴⁹

46DREIFUSS, René Armand. “Anos 70: intervenção ‘fria’ no Brasil e ‘quente’ no Chile”, art. cit. p. 210-211.

47BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. “Políticas de combate à fome no Brasil”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 17-18.

48TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome, op. cit., p. 170.

49CASTRO, Anna Maria. “Prefácio”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 5.

Ricardo Abramovay apresenta os textos afirmando que o encontro foi realizado a partir da preocupação básica de Josué de Castro, a fome como uma “manifestação biológica de um fenômeno social, econômico e político”. E ainda, antecipando o sentido que a maior parte dos textos vai assumir, que “compreender a fome não é o bastante. É fundamental, também, apresentar as alternativas e soluções a esta civilização que só consegue produzir grandes safras gerando massas miseráveis e famintas”.⁵⁰ O seminário poderia ser visto, portanto, como uma espécie de resposta àquelas políticas sobre alimentação predominantes no período anterior.

De fato, desde o fim da década de 1970, as consequências da política econômica levada a cabo pela ditadura já se fazia sentir. Se, por um lado, o crescimento econômico foi relevante, a concentração da renda se acentuou significativamente, tendo como efeito uma situação nova do fenômeno da fome. A rápida urbanização do país, mudando o perfil populacional, apresentou também novas condições a ser avaliadas por aqueles que se reuniam para discutir a obra de Josué de Castro.⁵¹ A industrialização não foi acompanhada por um crescimento dos salários, mas, ao contrário, foi realizada a partir da compressão dos salários, agravada por uma crescente inflação a partir do final da década de 1970. A produção agrícola de grãos, se no tempo de Josué de Castro ainda vivia sob o espectro de uma produção insuficiente, superou significativamente a necessidade alimentar do país, mas era voltada em grande parte para a exportação, agravando, paradoxalmente, a situação de fome da população. Esses aspectos são algumas das perspectivas apresentadas pelos textos de *Raízes da Fome*, que incorporam um conjunto de movimentos sociais que se desenvolviam na época.

O início da década de 1980 é marcado por um acirramento dos conflitos sociais, e alguns desses conflitos são tomados como centrais para a leitura das questões provocadas pelo pensamento de Josué de Castro. Assim, é significativa a menção às demandas articuladas por esses movimentos e a participação direta de alguns dos seus protagonistas. Além dos capítulos que analisam o “panorama da situação alimentar no Brasil” e “a crise e a fome no Brasil e na América Latina”, são dignos de nota os capítulos que colocam aqueles movimentos populares e suas demandas no centro da discussão: “a fome e a ques-

50ABRAMOVAY, Ricardo. “Apresentação”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986a. p. 13.

51Sobre a particularidade do fenômeno da pobreza no mundo urbano, ver o estudo publicado por Milton Santos já naquele período: SANTOS, Milton. *A Pobreza Urbana*. São Paulo: Edusp, 2023.

tão da terra” e “os movimentos populares e a fome”. Nesse sentido, o pensamento de Josué de Castro é tomado, nesse contexto, como ferramenta para potencializar as lutas levadas a cabo por esses movimentos, enfatizando a dimensão de seu pensamento que via como indispensáveis a reforma agrária e outras transformações sociais.

Assim, já na introdução que apresenta os capítulos que compõem o volume, Maria Cecília Minayo e Otávio Cruz Neto destacam esses dois aspectos para solucionar o problema da fome: a necessidade de reformas substanciais, retomando a ênfase da década anterior, e a participação popular. Paul Singer analisaria “a calamidade da situação do desemprego urbano, a partir de São Paulo, e termina seu artigo mostrando a necessidade de organização dos sujeitos interessados na mudança, ‘a parte vitimada pelo sistema social em que vivemos’”⁵² e Lorena “conclui que sem a reforma agrária é inútil pensar na extinção da fome no país”.⁵³ Por fim,

*o conteúdo dos círculos de estudo e das discussões incorporado a essa introdução enfatizou o aspecto socialmente escandaloso da fome e a necessidade de uma tomada de posição frente a esse drama previsível e passível de solução, particularmente em relação a uma Reforma Agrária maciça, imediata, com a participação dos primeiros interessados, os trabalhadores rurais, em todas as suas fases.*⁵⁴

O volume conta com dois textos resultados das intervenções de trabalhadores rurais do Paraná e do Nordeste, que incorporam ao debate sobre o combate à fome a observação e a luta de grupos organizados pela reforma agrária, em um período que o Movimento Sem-Terra começava a se articular. Para Pedro Tonelli, diretor do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capanema, Paraná, e membro da direção nacional da então recém-fundada Central Única dos Trabalhadores, “o nosso lugar passou por algumas mudanças e hoje temos uma situação bem violenta, uma situação de fome terrível, um problema terrível, um problema que não aconteceu ao natural, mas foi algo provocado, planejado, colocado em execução e está dando certo”. A partir de 1964 teria havido uma concentração de terras, um subsídio direcionado à agricultura para a exportação e o resultado, em suas palavras, era que “temos

52MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. “Introdução”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 17.

53MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. “Introdução”; art. cit., p. 18.

54MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. “Introdução”, art. cit, p. 20.

10 mil famílias sem terra, sendo que a maioria delas são famílias que já tiveram terra”.⁵⁵ A ação do governo, segundo Tonelli, se concentrava em estimular a migração dos trabalhadores rurais para a Amazônia, numa tentativa de enfraquecer os movimentos organizados: “o governo do Estado entrou em acordo com o INCRA, no sentido de tirar o pessoal da região, porque existem movimentos se organizando, especialmente o ‘Movimento do Sem-Terra’”.⁵⁶ No entanto, as condições na região se mostravam ainda mais precárias: “foram há um mês, o INCRA levou em 18 ônibus, pagando tudo e, assim que chegaram lá, os que conseguiram voltaram. A situação lá é terrível, a água é muito distante, não existe jeito de organizar uma propriedade pequena e a terra não produz muito bem”.⁵⁷

Euclides Almeida do Nascimento, representante do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco, sintetiza a demanda por uma Reforma Agrária como estratégia decisiva para o combate à fome naquele contexto: “a situação se agrava a cada dia e sem a mudança da estrutura agrária a fome continua sendo fabricada. No dia em que for feita a Reforma Agrária, colocando a terra na mão dos caboclos que tem coragem de pegar a enxada e de produzir, então se acaba a fome do Brasil”.⁵⁸ A aposta em incorporar no debate sobre a fome, a partir do pensamento de Josué de Castro, a participação de dirigentes sindicais e de movimentos sociais não destoava do contexto de mobilização popular desde o fim da década de 1970. Não só os movimentos de trabalhadores rurais se reorganizavam, mas, nas cidades, movimentos de bairro e de favelas, assim como o “novo sindicalismo” impactavam o cenário político e social, como uma espécie de resposta à piora sensível das condições de vida da classe trabalhadora na época.⁵⁹ A intervenção do bispo Dom Cláudio Humes, da diocese de Santo André, São Paulo, apresenta a situação dos trabalhadores urbanos e, em particular, o envolvimento de setores da Igreja Católica nas greves que ocorriam então, a partir de uma perspectiva que imprimia à luta contra a fome uma participação popular direta:

⁵⁵TONELLI, Pedro. “A questão da terra no sudoeste do Paraná: visão de um trabalhador”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 144-145.

⁵⁶TONELLI, Pedro. “A questão da terra no sudoeste do Paraná: visão de um trabalhador”, art. cit., p. 149.

⁵⁷TONELLI, Pedro. “A questão da terra no sudoeste do Paraná: visão de um trabalhador”, art. cit., p. 151.

⁵⁸NASCIMENTO, Euclides Almeida do. “A questão da terra no nordeste vista por um trabalhador rural”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 154.

⁵⁹MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. *História do Brasil Recente: 1964-1992*. São Paulo: Editora Ática, 2001. p. 66-72.

“quero apenas lembrar que é preciso conviver com os pobres e com a fome, se quisermos falar dos famintos e não apenas da fome”.⁶⁰

Essas intervenções indicam um contexto de intensa mobilização popular e que se coloca como perspectiva importante na recepção do pensamento de Josué de Castro naquele contexto. Assim, ainda Dom Cláudio Humes afirma que “a grande contribuição de Josué de Castro foi a de nos tirar dessa mudez diante da fome e até da vergonha de falar da nossa própria fome e enfrentar essa questão na sociedade”.⁶¹ As lutas sociais, por reforma agrária ou melhores salários nas fábricas, ao mesmo tempo que as lutas pela redemocratização do período, vão compor um contexto para a recepção das ideias de Josué que as direcionam para uma tentativa de reconstrução do país, após duas décadas de ditadura. As outras análises presentes em *Raízes da Fome* parecem ir nesse sentido, em avaliar o resultado das políticas econômicas do período e em propor mudanças que não se limitariam a mudanças apenas institucionais.

Um primeiro aspecto a destacar sobre a avaliação do período anterior, considerando a importância que Josué de Castro deu ao levantamento e sistematização de informações sobre a alimentação da população para discutir o problema da fome⁶², é a ausência de dados oficiais confiáveis disponíveis então. Segundo Ladislau Dowbor,

o principal fato na área do estudo da subnutrição do Brasil é que, depois da publicação dos dados trágicos do ENDEF⁶³, o Governo suspendeu simplesmente a produção de dados estatísticos sobre o problema alimentar no Brasil, e decorridos praticamente 10 anos, em que houve muita concentração de renda, urbanização e reforço de orientação da agricultura para a exportação, simplesmente não temos dados globais atualizados.⁶⁴

60HUMES, Dom Claudio. “O encontro com a pobreza e a fome”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 171.

61HUMES, Dom Claudio. “O encontro com a pobreza e a fome”, art. cit., p. 166.

62Ver o estudo realizado por Josué de Castro, “As condições de vida das classes operárias no nordeste”, realizado em 1932, que teria sido, segundo ele próprio, o primeiro inquérito realizado desse tipo, e uma das bases para a formulação da política do salário mínimo alguns anos depois. CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 75-91.

63ENDEF – Estudo Nacional de Despesa Familiar, realizado em 1974.

64DOWBOR, Ladislau. “Fome: alguns dados básicos”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 89.

Ainda assim, mesmo a partir de dados precários, os estudiosos participantes do encontro apresentam algumas informações e conclusões sobre as condições de alimentação da população e de produção de alimentos do país. O maior contraste destacado é que, apesar da produção de grãos ter aumentado significativamente, o mesmo não aconteceu com a produção de alimentos que seriam base da alimentação da população. Ao contrário, a produção de grãos, particularmente a soja, teria feito diminuir a produção de produtos como o arroz e o feijão: “as culturas de exportação expulsaram das melhores terras os produtos alimentares de base, o que explica que, apesar do aumento da superfície cultivada de feijão, base da alimentação da população pobre, as quantidades produzidas tenham diminuído durante os anos 1970”.⁶⁵

Esse processo teria agravado a situação de fome na cidade e no campo. Segundo Abramovay, a introdução de culturas como a de trigo e de soja, assim como a expansão das áreas de pastagem, teria eliminado o espaço que o trabalhador rural usava para a produção de alimentos de subsistência ou para o mercado local. Essa transformação teria se acelerado a partir de 1964: “esta separação, esta expulsão do trabalhador, esta impossibilidade na qual ele se encontra para produzir seus meios de vida, foi um fato determinante de uma miséria alimentar impressionante”.⁶⁶ A partir de um estudo sobre a alimentação familiar de uma cidade do Paraná, Abramovay retoma as conclusões que Josué de Castro afirmava desde a década de 1930, acrescentando talvez uma resposta a uma interpretação que atribuía ao desconhecimento e à deseducação dos mais pobres a sua má alimentação:

*os dados que obtivemos no inquérito alimentar corroboram a conclusão de inúmeros outros estudos de que os déficits calóricos e protéicos são, na verdade, a expressão da insuficiência na quantidade de alimentos ingeridos (e não de uma escolha inadequada da cesta familiar), o que por sua vez está diretamente associado à renda familiar.*⁶⁷

Com a expansão da urbanização, o problema da fome nas cidades teria ganhado também novas dimensões. Assim, não só os baixos salários impedi-

65DOWBOR, Ladislau. “Fome: alguns dados básicos”, art. cit., p. 88.

66ABRAMOVAY, Ricardo. “Fome e assalariados rurais”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986b, 123.

67ABRAMOVAY, Ricardo. “Fome e assalariados rurais”, art. cit., 132-133. Ainda sobre a ideia de que os mais pobres se alimentariam mal por desconhecimento, ver o comentário da introdução ao volume: “a pesquisa desmente o mito da ignorância popular sobre alimentação”. MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. “Introdução”, art. cit., p. 25.

riam às famílias o acesso a uma alimentação adequada, mas os gastos necessários a uma vida urbana reduziria ainda mais a renda disponível para o consumo de alimentos das famílias mais pobres. Para Paul Singer, a situação dos pobres nas cidades seria ainda mais precária do que no campo: “não há gastos com aluguel, com transporte e outros itens que pesam no orçamento de quem vive na cidade. Isso explica por que a subnutrição e a fome endêmicas, pelos dados existentes, seriam fenômenos predominantemente urbanos”⁶⁸. Teria havido, ainda segundo Singer, uma inversão desde a década de 1950. Se antes quem morava nas cidades estaria “melhor de renda”, “se olhamos os dados mais recentes, nos últimos anos a situação se inverteu. Dois terços de toda a população estão nas cidades, e foi aí que a pobreza absoluta e relativa aumentou visivelmente”.⁶⁹ Ainda sobre o impacto da urbanização na caracterização do fenômeno da fome daquele período, Malaquias Batista Filho observa a generalização de certos tipos de carências e anemias, atribuindo a mudanças “no quadro ecológico da nutrição” no Brasil:

*Ou seja, ao fenômeno da urbanização, do desmame precoce, das práticas de alimentação artificial induzida pelos novos hábitos de consumo, às deficiências de saneamento no espaço urbano, às agressões infecciosas precoces e repetidas e aos vícios culturais da hipermedicação importada pela sociedade de consumo mesmo às populações de baixa renda.*⁷⁰

Vinculadas a um contexto de acirramento dos conflitos sociais, essas análises se combinam com um apelo à mobilização popular, seja a partir da participação direta de dirigentes sindicais e de movimentos sociais nos debates, seja a partir das propostas formuladas nas intervenções. O mesmo Paul Singer, por exemplo, sugere que “quem vai resolver os problemas dos pobres são os próprios pobres, isto é, os trabalhadores, a parte mais vitimada pelo sistema social em que vivemos, quando se organizarem política e sindicalmente e formularem seus programas, para impô-los em alguma medida ao resto da sociedade”⁷¹, em uma explícita estratégia de mobilização popular na formulação das políticas públicas que deveriam orientar o processo de redemocratização

68SINGER, Paul. “Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 52.

69SINGER, Paul. “Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros”, art. cit., p. 53.

70BATISTA FILHO, Malaquias. “Panorama alimentar e nutricional no Brasil”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 36.

71SINGER, Paul. “Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros”, art. cit., p. 57.

de então. Em relação à reforma agrária, por exemplo, política citada e considerada imprescindível pela maioria dos textos do volume, além dos trechos já citados, Plínio Arruda Sampaio analisa processos em outros países e conclui que, onde ela foi realizada, as carências alimentares diminuíram consideravelmente. A reforma agrária teria, assim, o potencial não só de garantir a produção de alimentos, mas alavancar um conjunto de transformações nas relações sociais.⁷²

O período da década de 1980 é marcado, portanto, por uma recepção do pensamento de Josué em um contexto de forte mobilização popular, que faz de suas ideias um motor para impulsionar as mudanças que aqueles movimentos sociais e intelectuais julgavam necessárias para uma redemocratização do país. Assim, Josué parece ter sido tomado como fonte de propostas de transformações democráticas, que levavam em conta não somente mudanças nas políticas públicas, mas que eram incorporadas como parte das lutas sociais da época. Josué de Castro, então, podia ser tomado como inspiração para aqueles movimentos sociais que se articulavam na época a partir de um horizonte de expectativas de transformação mais profunda da sociedade brasileira.

Manguebit, a fome e a atualidade de Josué de Castro, 1993

A década de 1990, em relação ao pensamento de Josué de Castro, é marcada pela recuperação de sua figura pelo movimento musical *manguebit*, particularmente pelas músicas e intervenções do artista Chico Science. Nas suas músicas e mesmo em entrevistas, não são raras as referências à Josué de Castro e a imagens que remetem a seu pensamento. Assim, não seria exagero dizer que é por meio da arte e da indústria cultural que certas dimensões do pensamento de Josué de Castro passariam a circular com relativa amplitude na última década do século XX. No entanto, mesmo antes do lançamento dos primeiros discos e das músicas de Chico Science que faziam referência à Josué, uma exposição em Recife já retomava o pensamento de Josué de Castro para pensar o mundo daquele fim de século. A partir da elaboração de dez painéis montados com fotografias e textos, Tarciana Portella, Daniel Aamot e Zélito Pasavante apresentaram a exposição “Homem-gabiru: catalogação

72SAMPAIO, Plínio Arruda. “Reforma agrária, produção e consumo de alimentos”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 114-115.

de uma espécie” em 1991, depois publicada em livro no ano seguinte, com reproduções dos painéis e textos de introdução.

A exposição, segundo seus realizadores, surgiu da “inquietação face ao absurdo da miséria, da superexploração e da mentira que rondam o cotidiano”.⁷³ Assim, os artistas percorreram as ruas de Recife entrevistando, fotografando e recolhendo materiais sobre a experiência de vida de homens e mulheres que viviam então em situação de pobreza extrema e buscaram em Josué de Castro algumas referências conceituais que pudessem iluminar o seu trabalho. A imagem do homem-caranguejo, presente nos contos de *Documentário do Nordeste* e no romance *Homens e caranguejos*, foi retomada e sofreu transformações, de acordo com a perspectiva que aquele grupo queria dar ao seu trabalho. O crescimento da cidade, que tinha invadido a área dos mangues descrita por Josué de Castro, teria transformado aqueles homens e mulheres, que viviam da cata de caranguejos, em gabirus, que viviam nos becos e ruas das cidades. Segundo a descrição dos artistas:

*Gabiru é o rato de esgoto, conhecido das cidades. Tem uma incrível capacidade de proliferação. Foge rápido. Mas também ataca quando está com fome, até mesmo roendo pessoas. Levanta medo, nojo e um forte desejo de exterminá-los. (...) Aqui no Recife também chamamos de gabiru quem pratica furtos, como trombadinhas e descuidistas.*⁷⁴

Assim, para aqueles artistas, a recuperação do pensamento de Josué de Castro era fundamental para produzir uma crítica estética do mundo urbano experimentado por eles:

*Observamos a relação existente entre o homem-gabiru e o homem do Ciclo do Caranguejo, identificado por Josué de Castro, médico, geógrafo, ativista e polemizador. Ele denunciava, já nos anos 40, a Fome como um tabu. (...) E frisava ser a Fome fruto das relações sócio-políticas, e não de fatalidades climáticas ou malthusianas. (...) Era, pois, oportuno resgatá-lo, até por seu pioneirismo neste debate aqui no país. Então se o mangue foi o seu ponto de partida, onde ainda criança descobrira a fome, para nós ele estava soterrado, com a miséria transbordando para todos os cantos da cidade. O homem-caranguejo havia virado homem-gabiru.*⁷⁵

73PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru: catalogação de uma espécie. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 7.

74PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru, op. cit., p. 7.

75PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru, op. cit., p. 7.

O deslocamento realizado pela exposição a partir da transformação do homem-caranguejo em homem-gabiru significava uma transformação também em torno do olhar sobre a cidade. Em vez de uma associação biológica entre aqueles homens e mulheres em situação de pobreza e o gabiru propriamente dito, os artistas afirmavam se referir a uma espécie de simbologia. O homem-caranguejo, que tinha chegado à cidade fugindo da falta de terras no sertão ou na área dos canaviais e se refugiado na área dos mangues, havia se distribuído por toda a cidade e feito “cerco em torno de todos nós, ‘cidadãos-comuns’ sitiados”⁷⁶. O geógrafo Manuel Correia de Andrade, que escreveu uma introdução ao livro que apresenta a exposição, tenta explicar a relação que os artistas buscaram realizar com o pensamento de Josué de Castro e suas imagens literárias:

*[Josué de Castro] descobriu na lama dos mangues do Capibaribe, nos bairros paupérrimos do Recife, o homem-caranguejo. Mas hoje, soterrado pela especulação imobiliária e pelo agravamento da indigência social, o mangue transbordou. Ganhou o asfalto, pontes, praças. E aqui, Josué de Castro ‘revisitado’. O homem-caranguejo transmutou-se em homem-gabiru, íntimos dos esgotos e carniças da sociedade. Sociologicamente chamada de lumpen, esta espécie é híbrida da fome e do horror.*⁷⁷

É possível imaginar Chico Science e outros artistas visitando a exposição e pensando o movimento que resultaria nas músicas e discos de alguns pernambucanos do início da década de 1990. Assim, não seria à toa que em uma das músicas do seu primeiro disco, Chico Science recupera uma imagem daquela mesma exposição: “o sol queimou, queimou a lama do rio / Eu vi um chié andando devagar / E um aratu pra lá e pra cá / E um caranguejo andando pro sul / Saiu do mangue, virou gabiru”. Ainda na mesma letra, logo em seguida, o nome de Josué de Castro é mencionado para amplificar a inquietação do compositor diante das desigualdades sociais que ele observa na cidade: “Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça / Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”.⁷⁸

A menção à Josué de Castro não parece fortuita, portanto. Havia não só um contexto artístico e cultural que havia iniciado a recuperar o pensamento de

76PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru, op. cit., p. 10.

77ANDRADE, Manuel Correia de. “Homem-gabiru: a ausência de alternativas?”. In: PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru: catalogação de uma espécie. São Paulo: Editora Hucitec, 1992, p. 19.

78CHICO SCIENCE & Nação Zumbi. Da lama ao caos. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994 (CD).

Josué de Castro, como também uma atitude deliberada em retomar homens e mulheres que lhe pareciam significativos para uma crítica da sociedade brasileira de então. Em um dos cadernos de anotações usados por Chico Science, provavelmente em 1994, está escrito: “fazer letra falando nomes nelson ferreira, josué de castro, lula cardoso ayres, marco souto maior, ariano suassuna, guerra peixe etc”.⁷⁹ Em outra música, o compositor agrega outros nomes a esse panteão pouco convencional, colocando artistas, revolucionários, rebeldes e renegados para imaginar alguma possibilidade de transformação social: “Viva Zapata! / Viva Sandino! / Viva Zumbi / Antônio conselheiro! / Todos os panteras negras / Lampião sua imagem e semelhança / eu tenho certeza eles também cantaram um dia”.⁸⁰

O alerta de Josué de Castro sobre o fenômeno da fome e a necessidade de combatê-la na realização de uma transformação social efetiva é recuperada, no entanto, ainda uma vez por Chico Science. Assim, o pensamento de Josué de Castro é recuperado não somente a partir das descrições em torno da fome que ele realiza em seus textos, mas também a partir de sua atividade política de combate à fome. Na mesma música em que menciona Josué, o jogo de palavras de Chico Science realiza uma série de inversões em que uma sociedade desigual seria substituída por uma organização socialmente mais justa pela mobilização de uma organização de base popular, que ganharia força com uma geografia da abundância: “Com a barriga vazia não consigo dormir / E com o bucho mais cheio comecei a pensar / Que eu me organizando posso desorganizar / Que eu desorganizando posso me organizar / Que eu me organizando posso desorganizar”.⁸¹

Duas dimensões se destacam nessas leituras artísticas do pensamento de Josué de Castro no início dos anos 1990, que valem a pena resumir. De um lado, a denúncia da pobreza extrema e da situação de fome que, segundo esses artistas, teriam mesmo se agravado desde o tempo de Josué de Castro. Assim, as descrições da fome de Josué de Castro, seja já nos seus escritos literários, seja nos seus textos científicos, forneceram alguns elementos para uma nova

⁷⁹Os cadernos de Chico Science foram organizados, catalogados e digitalizados e estão disponíveis para acesso na plataforma Acervo Chico Science. O trecho citado está no caderno 18. Disponível em: <<https://acervochicoscience.com.br/>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2024. Vale lembrar que Chico Science morreu aos 30 anos de idade, em 1997, vítima de um acidente de carro na estrada entre Recife e Olinda.

⁸⁰CHICO SCIENCE & Nação Zumbi. Da lama ao caos, op. cit.

⁸¹CHICO SCIENCE & Nação Zumbi. Da lama ao caos, op. cit. Ver, na conclusão de Geopolítica da Fome: “com a Geografia da Abundância, emergirão novas estruturas sociais, possuidoras de características gerais que garantirão a conquista de uma nova etapa, na busca da felicidade e do bem-estar social”. CASTRO, Josué de. Geopolítica da fome, op. cit., p. 282.

criação estética que buscava um alerta em torno da intensificação das consequências dos modelos sociais que produziam o fenômeno da fome. Por outro lado, esses artistas e, nas situações analisadas, particularmente Chico Science, mobilizaram uma dimensão política, utópica e emancipadora do pensamento de Josué de Castro. A partir de procedimentos estéticos próprios, os artistas buscaram colocar Josué de Castro como inspiração para uma imaginação política capaz de vislumbrar uma sociedade economicamente mais justa e uma humanidade emancipada. Assim, talvez por uma fresta da indústria cultural da década de 1990, Josué de Castro circula como um nome capaz de mobilizar uma esperança radical.

A fome e a atualidade de Josué de Castro, 1993

Ao mesmo tempo que esses artistas articulavam suas intervenções a partir de Josué de Castro, um fórum era realizado em Recife, organizado pelo Instituto de Planejamento do Estado de Pernambuco (CONDEPE), que também recuperava o pensamento de Josué de Castro para promover debates no âmbito, agora, da formulação de políticas públicas. Examinar algumas das intervenções desse fórum pode ser útil para completar um cenário, nem sempre homogêneo, da recepção do pensamento de Josué de Castro nesse período. Assim, ao lado da dimensão emancipatória do pensamento de Josué presente naquelas propostas estéticas, os debates institucionais se centraram em recuperar o pensamento de Josué em um equilíbrio delicado que talvez tendesse mais à urgência de elaborar formas de atender à população imediatamente do que à proposta emancipatória do pensamento de Josué ou aos elementos de transformação mais radical presentes em sua recepção da década de 1970 e na ênfase à participação popular nos textos dos anos 1980.

Na abertura do fórum *A Fome e a Atualidade de Josué de Castro*, realizado em julho de 1993, a então presidente do CONDEPE Thais de Lourdes de Andrade define os objetivos do encontro de não só resgatar a memória de Josué, mas, em uma crítica indireta ao modelo de desenvolvimento da ditadura militar,

demonstrar a atualidade de um pensamento que permanece vivo, apesar de haver ficado afastado das discussões por quase vinte anos, por

*medo, por tabu e, principalmente, pela vã ilusão vendida ao povo brasileiro: que o crescimento econômico por si só seria capaz de nos redimir de todos os males, inclusive o da fome.*⁸²

O sentido das intervenções do fórum oscilam, portanto, entre dois pólos: a profundidade do pensamento de Josué de Castro no que diz respeito à apreensão global do fenômeno da fome e do combate à fome, nos seus aspectos médicos, sociais e políticos, que apontam para uma mudança social importante; e, por outro lado, as medidas de curto prazo para solucionar o problema da fome que, na forma apresentada, não implicariam necessariamente em mudanças sociais substantivas.

Em relação ao primeiro aspecto, Manuel Correia de Andrade (que também tinha, como vimos, feito a apresentação da exposição sobre o “homem-gabiru”) destaca Josué de Castro como um visionário capaz de ver o que “seus contemporâneos não estão vendo, tem a capacidade de ver o futuro e de levantar problemas que muitas vezes parecem precoces”⁸³. No mesmo sentido, Andrade se preocupou em apresentar um Josué de Castro a partir de uma ampla formação interdisciplinar, que se estendeu por diferentes áreas e que tinha, sobretudo, uma perspectiva marcada pela totalidade: “ele não se preocupava com o ser médico e com o ser geógrafo, se preocupava com o universal, com o global, com o total, com a situação do homem, que tinha que ser resolvida”. A dimensão ampla do pensamento de Josué se reafirma nesse contexto. E para isso, Andrade ainda afirma, Josué teria sofrido duras campanhas difamatórias na imprensa e nos debates políticos, que colocavam em dúvida suas qualificações profissionais.⁸⁴

Por fim, Andrade incita a que se discuta a obra de Josué de Castro com grande profundidade, como se fazia com outros intérpretes da realidade brasileira, tais como “Florestan Fernandes, Caio Prado Júnior e Antonio Candido”. Segundo ele, a retomada do pensamento de “grandes pensadores brasileiros” possibilitaria encontrar alternativas políticas e sociais para os problemas do Brasil e a obra de Josué de Castro não poderia estar fora desse

82INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 3.

83INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 13.

84INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 14-15. De fato, Marina Gusmão de Mendonça menciona e cita as fontes de episódios em que isso teria acontecido. Em um deles, logo após o golpe de 1964, “a imprensa brasileira passou a atacá-lo, qualificando-o como ‘falso cientista’, que ‘fez da fome o seu ganha-pão’, além de ser responsável por uma ‘propaganda negativa do país no exterior, contribuindo para afugentar imigrantes’”. MENDONÇA, Marina Gusmão de. O combatente da fome, op. cit., p. 261.

conjunto de referências. É possível que o contexto de redemocratização e de abertura política com a Constituição de 1988 ainda reverberasse como estímulo para discutir os modelos de desenvolvimento do país. Em suas palavras,

*a hora é de discutir as ideias dos grandes pensadores brasileiros, mas não de forma consideravelmente acadêmica, porém de forma mais profunda e objetiva procurando nesses homens as alternativas de soluções para os problemas do Brasil. (...) É necessário que se viva o momento histórico atual como Josué de Castro viveu o seu momento histórico.*⁸⁵

O mesmo Andrade, no entanto, enfatiza também as medidas imediatas de combate à fome: menciona algumas medidas tomadas pelo então presidente Itamar Franco, em um programa coordenado por Herbert de Souza, o Betinho, e uma campanha organizada em Recife pelo Arcebispo Dom Hélder Câmara. Além disso, afirma que Josué de Castro “já apresentava soluções que poderiam ser utilizadas pelo menos como alternativas para governantes e administradores”⁸⁶, sugerindo, naquele contexto, que não seria preciso esperar uma transformação profunda para levar a cabo o combate ao fenômeno da fome.

É na intervenção de Sônia Lucena de Andrade que um balanço mais sistemático da situação da fome e das políticas de combate à fome existentes até então é realizado. Ao apontar alguns dados disponíveis em torno da fome e da desnutrição que afetavam, particularmente, as crianças (15,4% apresentavam desnutrição crônica, 81% dos casos de mortalidade infantil associados à desnutrição...), a autora denuncia que “as medidas de intervenção tomadas pelo governo foram incipientes”⁸⁷. Assim, apresenta uma crítica aos programas de combate à fome, que miravam apenas as questões relacionadas ao consumo de alimentos, “e tentam resolvê-los com propagandas reducionistas, geridos de forma vertical, ligados apenas à distribuição de alimentos”.⁸⁸ Mesmo reconhecendo a necessidade de profundas reformas sociais para um efetivo combate à fome, Sônia Andrade propõe a urgência de formulações de políticas públicas que tenham consequência a curto prazo: “quem está com

85INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 18.

86INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 14. Ver, por exemplo, a atuação de Josué de Castro nos departamentos de alimentação criados durante o Estado Novo varguista. AMORIM, Helder Remigio de. Josué de Castro, op. cit., p. 157s; MAGALHÃES, Rosana. Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro, op. cit. p. 38s.

87INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 22.

88INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 25.

fome não pode esperar por modificações sócio-econômicas, que não aconteceriam a curto e médio prazos”.⁸⁹ Uma ambiguidade aparece na recepção do pensamento de Josué. Embora não sejam perspectivas excludentes, o horizonte de expectativa de curto prazo estabelece uma leve tensão com o ponto de vista mais emancipatório apresentado, no mesmo período, por aqueles movimentos artísticos analisados ou, de modo diferente, pelos movimentos sociais da década anterior.

Assim, as medidas mais profundas de mudança estrutural são colocadas em segundo plano para uma ação que mobilize e organize sistemas de informação e acompanhamento das políticas implementadas, em um apelo mais indistinto ao conjunto da sociedade que não teria como consequência alterar fundamentalmente seu modelo de organização: “precisamos da conscientização de todo o conjunto da sociedade e de um controle social no sentido de solucionar esta grave questão”.⁹⁰ É digno de nota que a ideia de uma reforma agrária seja apenas mencionada em face do que seria a elaboração das políticas públicas sob essa perspectiva.

Josué de Castro e o Brasil, 2003

No início do século XXI, essa última perspectiva parece ganhar ainda mais relevo, deixando o horizonte de transformação mais profunda na estrutura sócio-econômica em segundo plano. Assim, embora permaneça certa dimensão abrangente do seu pensamento, derivada em parte ainda do impacto das elaborações artísticas dos anos 1990, os aspectos que predominam na recepção das ideias de Josué de Castro indicam um combate à fome como a significativa garantia de direitos e de cidadania.

Em *Josué de Castro e o Brasil*, organizado pela Fundação Perseu Abramo e publicado em 2003, reuniram-se em Recife personalidades políticas e pesquisadores para apresentar reflexões em torno do pensamento de Josué de Castro e avaliar e propor políticas de combate à fome. Vale lembrar que o governo do Partido dos Trabalhadores se iniciava naquele momento com alguma expectativa de uma guinada na condução das políticas sociais, embora com reservas de alguns campos à esquerda do espectro político.⁹¹

89INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 26.

90INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. Anais do 10 Fórum, op. cit., p. 28.

91BRAGA, Ruy. A política do precariado, op. cit.; SINGER, André. Os sentidos do lulismo, op. cit.

Com nove textos frutos das intervenções no Seminário e dois textos até então inéditos de Josué de Castro, o volume se divide talvez em duas perspectivas: uma que recupera a dimensão humanista do pensamento de Josué de Castro e aponta para uma apreensão “filosófica” do seu pensamento; e outra que analisa mais detidamente o fenômeno da fome no início do século XXI, avalia as políticas realizadas até então e resume uma proposta, que viria se constituir no Programa Fome Zero dos primeiros anos do governo petista. Assim, como veremos, a apreensão do pensamento de Josué de Castro a partir de uma mudança social mais profunda não é privilegiada. De fato, a menção à uma reforma agrária como reestruturação das relações sociais fundamentais no país é restrita a uma passagem de Manuel Correia de Andrade: “a necessidade da realização de uma reforma agrária, não partindo de cima, como uma dádiva das classes dominantes, mas como uma conquista das classes dominadas, formada na luta do povo”.⁹²

Assim, por um lado, há um certo esforço em retomar os elementos despertados nos anos 1990 nos movimentos artísticos mencionados, a partir da potencialidade do pensamento de Josué de Castro em produzir reflexões mais amplas sobre a condição humana no mundo contemporâneo. Djalma Agripino de Melo Filho recupera explicitamente as composições de Chico Science para revisitar os textos literários de Josué de Castro e propor uma reflexão sobre o significado da metáfora do “homem-caranguejo”. Em um primeiro movimento, Melo Filho observa como a descrição de Josué de Castro caracteriza um indivíduo que não se encontraria com o sentido mais amplo de sua humanidade. Subordinado à luta pela sobrevivência imediata, enterrado na lama, “o *homem-caranguejo* encontra-se mergulhado na particularidade ou vida cotidiana, comprometido fundamentalmente com a conservação/reprodução de sua vida, não mantendo uma relação consciente com a genericidade”.⁹³ No entanto, ao analisar as composições do movimento *manguebit*, o autor percebe um deslocamento, uma re-humanização do *homem-caranguejo*: “esses ‘caranguejos’ que foram esquecidos pelo modelo de desenvolvimento excludente, assinala o título do Manifesto, têm cérebro. Um caso de personificação (transformação do caranguejo em homem) ou de re-humanização do que foi des-humanizado?”⁹⁴

92ANDRADE, Manuel Correia de. “Uma releitura crítica da obra de Josué de Castro”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003b, p. 81.

93MELO FILHO, Djalma Agripino de. “Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. *Josué de Castro e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 64.

94MELO FILHO, Djalma Agripino de. “Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo”, art. cit., p. 67.

A última perspectiva não estaria ausente, no entanto, dos próprios textos de Josué de Castro. Como ainda afirma Melo Filho, ao citar trechos em que Josué descreve os caranguejos “de olhinhos em pé” e os homens correndo “em ziguezague, como correm os caranguejos”, essas imagens “constituem um movimento de ruptura com a vida cotidiana, representam a possibilidade de saída da lama, uma abertura para a genericidade”.⁹⁵ Em outro texto, Michel Zaidan Filho retoma as mesmas imagens e parece sintetizar as possibilidades artísticas e filosóficas que essa perspectiva sobre o pensamento de Josué de Castro estaria trazendo sobre a condição humana no século XXI:

*Não haveria, por certo, uma forma mais rica de retomada e atualização da herança de Josué de Castro do que essa bela e significativa imagem do ‘caranguejo antenado’ com as minorias sociais do mundo inteiro, por meio da rede mundial de computadores. Cabe-nos, cidadãos nordestinos do século XXI, a fecundidade teórica, política e cultural desse inesgotável manguezal, entendendo que é sempre possível compatibilizar a ideia de raízes com o ciberespaço da biodiversidade cultural do nosso planeta. Nesse ponto, a contribuição de Josué de Castro é inestimável porque revela que o humanismo e o universalismo dos verdadeiros pensadores têm que mergulhar os pés na territorialidade encharcada de lama para reconstruir os homens num novo registro planetário.*⁹⁶

Nesse sentido, há uma ênfase em certa dimensão “filosófica” do pensamento de Josué de Castro, ainda sob o impacto das elaborações artísticas da década anterior, que convive com outros aspectos analisados a seguir. Os demais textos do volume retomam a *Geografia da Fome* para comparar com o fenômeno da fome naquele início do século, fazem um histórico das políticas de combate à fome e sintetizam as medidas que deveriam ser tomadas para eliminá-la do cenário nacional. Malaquias Batista Filho e Luciano Vidal Batista contrapõem o contexto da década de 1940, na publicação do trabalho de Josué de Castro, e o seu próprio contexto, enfatizando a necessidade de levar em conta mudanças de parâmetros nutricionais e metodologias de pesquisa para uma efetiva comparação. De qualquer maneira, os autores afirmam uma mudança significativa no perfil alimentar do país, constatando um consumo de calorias, em média, mais elevado do que na década de 1940, mesmo nas

⁹⁵MELO FILHO, Djalma Agripino de. “Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo”, art. cit., p. 68.

⁹⁶Z Aidan Filho, Michel. “Representações sociais da miséria no Nordeste”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 87-88.

regiões mais pobres. Por outro lado, algumas deficiências nutricionais seguiam sendo importantes, caracterizando a *fome oculta* descrita por Josué, como, por exemplo, uma “elevação paradoxal da ocorrência de anemia em crianças, mais do que duplicando sua prevalência em São Paulo (de 22% para 46%) e no estado da Paraíba (de 19,3% para 36,4%), com um intervalo de 22 e 10 anos, respectivamente”.⁹⁷ A mudança na cesta básica da população brasileira também seria digna de nota, segundo os autores, provocando novos desafios, como a maior ocorrência de sobrepeso/obesidade e de diabetes em diferentes faixas de renda:

*Os produtos industrializados passaram a ocupar um espaço crescente e até dominante no cardápio das famílias, inclusive nas faixas de baixa renda. Algumas dessas mudanças foram positivas (frutas e verduras, por exemplo), outras negativas, como a introdução precoce de leites industrializados em substituição ao desmame, o uso de fast-foods e o consumo crescente de açúcar e refrigerantes.*⁹⁸

A conclusão dos autores retrata uma mudança no perfil alimentar da população brasileira, mas, ao mesmo tempo, a permanência de diferentes carências que seriam inaceitáveis: “se muitas deficiências alimentares e nutricionais foram atenuadas ou quase vencidas, os níveis epidemiológicos das doenças carenciais são inaceitáveis, como já o eram meio século antes, conforme enunciava e denunciava Josué de Castro”.⁹⁹ Ao lado desse diagnóstico, Walter Belik, José Graziano da Silva e Maya Takagi fizeram um levantamento das principais políticas de abastecimento e combate à fome no século XX para justificar a adoção das políticas sintetizadas na conclusão do texto. No entanto, mais do que resgatar o histórico realizado pelos autores, nos interessa resgatar o diagnóstico realizado naquele momento e os princípios que deveriam organizar as políticas tomadas a partir de então. Esses dois aspectos evidenciam uma apreensão peculiar do pensamento de Josué de Castro, reconhecendo os limites estruturais no combate à fome impostos pelo modelo econômico vigente, mas, talvez paradoxalmente, deixando para um futuro incerto medidas que provocariam as mudanças necessárias.

97BATISTA FILHO, Malaquias; BATISTA, Luciano Vidal. “A Geografia da fome 50 anos depois: o que mudou?”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003, p. 45.

98BATISTA FILHO, Malaquias; BATISTA, Luciano Vidal. “A Geografia da fome 50 anos depois: o que mudou?”, art. cit., p. 45.

99BATISTA FILHO, Malaquias; BATISTA, Luciano Vidal. “A Geografia da fome 50 anos depois: o que mudou?”, art. cit., p. 46.

Assim, como diagnóstico da situação alimentar do país, os autores argumentam:

as razões que determinam essa insuficiência da demanda efetiva – concentração excessiva da renda, baixos salários, elevados níveis de desemprego e baixos índices de crescimento, especialmente daqueles setores que poderiam expandir o emprego – não são conjunturais. Muito pelo contrário, são estruturais, ou seja, endógenas ao atual padrão de crescimento e, portanto, consequências inseparáveis do modelo econômico vigente.¹⁰⁰

Esse diagnóstico, portanto, apontaria para a necessidade de mudanças estruturais no modelo econômico. No entanto, embora os autores tenham criticado as políticas anteriores por serem insuficientes e focadas especialmente na dimensão da distribuição e do consumo, o quadro de intervenção proposto pelos autores se apresenta como uma compilação de programas e políticas já existentes:

As propostas apresentadas representam, basicamente, uma compilação de iniciativas já implementadas ou em implementação no Brasil ou em outros países, que, se implementadas de forma conjunta, podem reduzir rapidamente a fome no país. O fundamental, a nosso ver, não é propor ‘novas’ políticas, mas integrá-las, articulando os diversos níveis de governo (federal, estadual e municipal) com os segmentos organizados da sociedade civil para garantir sua implementação.¹⁰¹

Nesse contexto, esse programa se combina de modo bastante singular com aquela apreensão “filosófico-cultural” presente no mesmo volume, já que coloca políticas mais estruturais em uma posição marginal na apreensão do problema da fome. A própria reforma agrária, que, em outros contextos, já havia adquirido centralidade para uma transformação sócio-econômica que superasse o subdesenvolvimento, é colocada aqui quase como medida paliativa: “a reforma agrária tem o papel fundamental de fornecer ‘casa, comida e trabalho’ a famílias rurais mais pobres, além de garantir a inserção produtiva

100BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. “Políticas de combate à fome no Brasil”, art. cit., p. 28.

101BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. “Políticas de combate à fome no Brasil”, art. cit., p. 30.

à mão-de-obra familiar sobrando que não encontraria outra forma de ocupação”.¹⁰²

O anúncio dessas propostas se apresenta em um contexto de expansão de certos direitos sociais, assim como a criação de mecanismos de garantia desses direitos, incluindo o de alimentação adequada, que vão ganhar corpo institucional nos primeiros anos do governo petista.¹⁰³ Assim, por um lado, a expansão dessas políticas públicas foi central para a diminuição significativa do número de famílias do mapa da fome por um período, como sabemos. Por outro lado, de forma contraditória, a conquista de direitos no âmbito de um determinado conceito de cidadania pode ter esvanecido do horizonte uma perspectiva de transformação substantiva da sociedade. A conquista da cidadania, marcada pelo contexto da Constituição de 1988, pode ter funcionado como ideologia que, embora tenha imposto algum limite aos efeitos da superexploração da classe trabalhadora, consolida o modelo social e econômico baseado na reprodução dessa exploração. Rafael Costa, ao refletir sobre o problema no Brasil em dois contextos diferentes, entre 1888 e 1988, coloca a cidadania, nesse sentido, em uma perspectiva histórica:

*o direito à cidadania atua como ideologia, representando avanços e, ao mesmo tempo, conformando as lutas nos limites de legitimação do poder do status quo. Como elemento de busca de consenso, se torna um poderosíssimo instrumento de consolidação de uma hegemonia, uma vez que a questão de classe é ao máximo possível colocada de lado, e ao invés de desdobrar-se em conflitos, é apaziguada em nome de 'soluções' consensuais diluídas entre os aspectos políticos, sociais e civis da cidadania.*¹⁰⁴

Não parece fortuito, portanto, que os apelos a um indistinto “conjunto da sociedade” ou aos “setores organizados da sociedade civil” apareçam como elementos centrais das estratégias a serem tomadas nesse contexto. Nos documentos de avaliação das políticas implementadas, já aparecem com destaque, no entanto, o papel decisivo que grandes empresas teriam no combate à

102BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. “Políticas de combate à fome no Brasil”, art. cit., p. 30.

103PADRÃO, Susana Moreira; SCHNEIDER, Olivia (orgs). Conflitos e construção coletiva: a segurança alimentar em questão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

104COSTA, Rafael Maul de Carvalho. “Cidadania e classe: paralelos entre 1888 e 1988”. In: Escravizados na liberdade: abolição, classe e cidadania na Corte imperial. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2014, p. 188.

fome sob essa perspectiva¹⁰⁵, reafirmando seu protagonismo nesse modelo econômico. Assim, uma articulação peculiar em torno da figura de Josué se apresenta, então, nesse contexto, em comparação com o modo de recuperação do seu pensamento nas décadas anteriores: a dimensão utópica presente na abordagem que toma o pensamento de Josué de Castro para pensar a condição humana no início do século XXI parece conviver com as medidas mais imediatas definidas como estratégicas e o esvanecimento da perspectiva de uma mudança estrutural mais significativa.

Da fome à fome, 2022

Quase 50 anos depois dos primeiros textos analisados aqui, *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro* foi um seminário realizado de modo *online*, e depois publicado em livro, reunindo pesquisadores e militantes de movimentos sociais que buscavam apresentar reflexões e debates sobre a insistência do fenômeno da fome e, particularmente, seu retorno após os poucos anos de diminuição significativa na sociedade brasileira. Organizado em cinco partes, os textos desse volume examinam as transformações do cenário da insegurança alimentar no Brasil, testam interpretações sobre o fracasso recente das políticas públicas de combate à fome, analisam o cenário global da produção de alimentos em dimensões econômicas, políticas e ambientais e relatam experiências de organização de movimentos sociais em torno do problema da fome nos territórios onde atuam. Assim, o livro apresenta uma abordagem abrangente e atualizada sobre o tema, mas, agora, sob uma perspectiva que recupera Josué de Castro sob o sinal da urgência que a retomada da fome significou no contexto de um governo de extrema-direita e da pandemia de Covid-19.

Nesse sentido, parece significativo que José Graziano da Silva apresente sua intervenção destacando a dimensão do “militante Josué de Castro”, em uma mudança de ênfase em relação à intervenção de vinte anos antes: “sua luta contra a fome, principalmente nos países subdesenvolvidos, assim como o combate ao latifúndio e a defesa da reforma agrária, faria dele uma figura

105SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Eduardo del; FRANÇA, Caio Galvão de (orgs.). Fome Zero, op. cit. Seria importante mencionar, entretanto, que o próprio Josué de Castro não descartou, em certas oportunidades, a participação do capital empresarial em iniciativas de combate à fome. Ver, por exemplo, o projeto elaborado pela ASCOFAM e incluído em: CASTRO, Josué de. O livro negro da fome. São Paulo: Brasiliense, 1968, p. 177.

incômoda não apenas para os setores ligados à agroexportação no Brasil mas também para as grandes potências que controlavam a ONU e suas agências”.¹⁰⁶ A participação de militantes de movimentos sociais no seminário se dá, portanto, nesse contexto de recuperação da luta contra a fome como um imperativo, a partir de um diagnóstico de que, após uma queda de 82% do número de brasileiros em situação de subalimentação, o desmonte institucional das políticas de segurança alimentar fez o cenário mudar: “os índices de insegurança alimentar e a fome retornaram a patamares próximos aos de 2004, e, embora as regiões Norte e Nordeste apresentem os piores indicadores, a situação é grave em todo o território nacional”.¹⁰⁷

No entanto, se, na década de 1980, as intervenções dos militantes se davam a partir de seu envolvimento com a luta pela reforma agrária no campo, agora outros movimentos sociais entraram em cena, revelando sujeitos políticos e territórios relevantes nesse contexto. Douglas Belchior e Adriana Moreira, por exemplo, enfatizam, na sua intervenção, o modo pelo qual o movimento negro enfrenta o problema da fome. Sem desconsiderar a questão agrária para esse enfrentamento (dando destaque, em particular, às comunidades quilombolas), os autores mencionam pesquisadores e artistas negros, além de examinar algumas estatísticas, para afirmar: “a fome no Brasil tem cor, e é negra. Ignorar esse elemento durante a formulação de estratégias para a erradicação da fome no Brasil é algo pouco inteligente, ineficaz e hipócrita. Mais do que isso, é a reafirmação da lógica racista que organiza a sociedade brasileira”.¹⁰⁸ A coordenadora nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Ana Paula Ribeiro, relata a experiência do movimento em torno de cozinhas solidárias que se transformariam em ações de contenção ao drama da fome entre os moradores das ocupações do movimento de base urbana. Na situação de calamidade que se agravou durante a pandemia, a organização de cozinhas solidárias foi uma das principais atividades do

106SILVA, José Graziano da. “O militante Josué de Castro”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante. 2022, p. 66.

107CÁTIEDRA Josué de Castro. “Da fome à fome: a volta da insegurança alimentar”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante. 2022a, p. 99-100.

108BELCHIOR, Douglas; MOREIRA, Adriana. “O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 148.

movimento: “temos dedicado boa parte de 2022 para abrir e consolidar cozinhas, rearranjar essas pessoas dentro da periferia e levar outras mais para a discussão sobre a política de desmonte do combate à fome”.¹⁰⁹

O sentido de urgência percebido nesses textos também pode ser lido nos textos que analisam a situação histórica de contraste entre a produção agrícola no Brasil e o número de famintos, inclusive em uma perspectiva global. A proporção das desigualdades é apresentada como ainda mais insustentável do que era vinte anos antes ou, ainda, no tempo que Josué de Castro escreveu *Geografia da Fome*. Segundo um inquérito sobre insegurança alimentar realizado em 2020, “cerca de 116,8 milhões de brasileiros não tinham acesso à alimentação adequada no final de 2020, dos quais dezenove milhões passavam fome”.¹¹⁰

Um conjunto de textos retomam o diagnóstico de Josué de Castro a respeito da estrutura fundiária brasileira como responsável pelo fenômeno da fome no país para avaliar a permanência no século XXI dessa situação, ou mesmo o seu agravamento. Enquanto as áreas destinadas a produção de produtos para exportação, destinados à alimentação de animais ou produção de energia (como soja ou cana de açúcar) tiveram um crescimento exponencial durante essas décadas, as áreas de produção dos alimentos básicos da população chegaram mesmo a diminuir: “o feijão ocupa, atualmente, uma área menor do que ocupava em 1960 (tendo caído de 2,5 milhões de hectares para 2,1 milhões); em 1995, eram produzidos 2,95 milhões de toneladas desse grão no Brasil, com um pico de 3,46 milhões em 2006. Em 2017, contudo, a produção caiu para 2,21 milhões de toneladas – abaixo do que era produzido duas décadas atrás”.¹¹¹

Isso teria consequências não somente no preço dos alimentos básicos, dificultando o seu acesso às famílias mais pobres no mercado, mas também na diminuição da renda das famílias rurais que vivem dessa produção. A dinâmica da mecanização da produção agrícola atingiria também a produção de alimentos para o mercado interno, tornando mais difícil para os pequenos

109 RIBEIRO, Ana Paula. “Cozinhas Solidárias: o combate à fome nos territórios e nas ocupações do MTST”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 197.

110 SALLES-COSTA, Rosana. “Desafios políticos da retomada da fome e da insegurança alimentar no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 129.

111 CÁTEDRA Josué de Castro. “Pão ou commodity: geografia da produção de alimentos”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022b, p. 204.

agricultores obterem rendimentos razoáveis diante do alto custo dos insumos. Uma parte desses agricultores desistem da produção e, agora, mesmo a produção desses alimentos é também concentrada em grandes propriedades, o que contrasta com observações das décadas anteriores e levantaria um sinal de alerta: “de forma geral, ainda não sabemos os aspectos positivos e negativos dos desdobramentos que isso trará para o desenvolvimento rural brasileiro”¹¹².

Por outro lado, a produção de soja, sorgo e milho, em geral, destinados à exportação, cresceu em ritmo acelerado, como dissemos: “somadas, a agricultura e a pecuária ganharam 81,2 milhões de hectares nos últimos 35 anos (...) e a soja representa boa parte disso: foi a cultura que mais se expandiu no período entre 1962 e 2017, saltando de 310 mil para 30 milhões de hectares”¹¹³. No entanto, ao contrário do prometido progresso, mesmo as áreas próximas às regiões de produção de soja não apresentam melhoras nos indicadores sociais. Segundo Arilson Favareto, após analisar dados de dezenas de municípios em uma importante região produtora de soja, “não dá para afirmar que a expansão ou a predominância da produção de *commodities* vêm acompanhadas da melhoria dos indicadores de bem-estar da maior parte da população”¹¹⁴. A concentração da propriedade da terra é também outro fator destacado em vários dos textos: “em nosso país, 1% de grandes propriedades concentram aproximadamente 45% da terra, enquanto os 50% menores detêm apenas 2% da área total explorada”¹¹⁵. Uma conclusão implícita em todos esses dados é que as políticas de redistribuição do período anterior, mas que deixaram intactos os modelos de produção, não foram suficientes para consolidar a erradicação da fome, sendo rapidamente desmontadas e resultando no retorno da fome como fenômeno coletivo.

Renato Maluf resume as contradições da estrutura agrária brasileira e suas relações com o fenômeno da fome apontando dois paradoxos. Se, por um lado, os porta-vozes do agronegócio anunciam que produzem o suficiente para alimentar o mundo, omitem que fabricam “um padrão alimentar com-

112CHAMMA, Ana Leticia S.; SPAROVEK, Gerd. “De onde vem e para onde vai: o caso do setor agropecuário brasileiro”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022, p. 225.

113CÁTIEDRA Josué de Castro. “Pão ou commodity”, art. cit., p. 203.

114FAVARETO, Arilson. “Os efeitos territoriais da produção de commodities agropecuárias no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022, p. 240.

115CÁTIEDRA Josué de Castro. “Pão ou commodity”, art. cit., p. 207.

pletamente criticado” – o aumento do índice de obesidade e de doenças relacionadas ao consumo excessivo de açúcar, por exemplo, acompanham o crescente consumo de alimentos processados e ultraprocessados. Assim, “eis os dois paradoxos brasileiros: alimentar mal o mundo e não conseguir alimentar o próprio país, cujo grau de desigualdade é tamanho que nem as famílias rurais são capazes de produzir o próprio alimento”.¹¹⁶ Assim, quando as *commodities* voltam a representar parte significativa do PIB, os autores sugerem uma “atualização” de um dilema posto por Josué de Castro na década de 1940. Se, nesse período, Josué debatia uma opção de desenvolvimento que privilegiava uma industrialização que não redistribuiria a renda e propôs a questão “pão ou aço”, “hoje questionaríamos ‘pão ou soja’ ou, ainda melhor, ‘pão ou commodity’”.¹¹⁷

Já na Introdução ao volume, Anna Maria de Castro resume um aspecto do pensamento de Josué de Castro que, de certa forma, orienta a leitura dos textos no sentido da urgência que sinalizamos. Não parece por acaso, portanto, que a autora lembre que Josué de Castro colocou em um mesmo patamar duas “descobertas” no século XX: a bomba atômica e a fome. Por um lado, “a bomba atômica, instrumento radical de suicídio coletivo, tornou a guerra impossível: deve-se falar em paz”. Por outro lado, a tomada de consciência do fenômeno da fome revelou um significado da tensão social no mundo: “é a tensão entre aqueles que não comem e aqueles que não dormem com medo dos que têm fome”.¹¹⁸ Assim, a comparação entre a bomba atômica e a fome empresta a esta última um sentido relacionado à própria capacidade de sobrevivência da humanidade. A observação de Inês Rugani de Castro sobre a transição demográfica brasileira ganha um significado importante, então, para compreender o sentido sobre a recepção do pensamento de Josué de Castro nesse contexto. A autora faz um alerta da existência de uma última brecha para realizar mudanças que possam, de fato, erradicar a fome no Brasil:

116MALUF, Renato. “Fome e desigualdades no Brasil: de Josué às disputas contemporâneas”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 178.

117CÁTEDRA Josué de Castro. “Pão ou commodity”, art. cit., p. 208.

118CASTRO, Anna Maria. “Introdução: Carta ao pai”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022, p. 36.

Essa janela de oportunidade acontece somente uma vez na história de cada país e, no Brasil, está em fase final. Esse seria um período muito propício para o aumento da prosperidade econômica do país e para a superação das desigualdades sociais. O desperdício dessa janela de oportunidade aprofundará esse desafio, uma vez que, em breve, nossa pirâmide etária estará invertida, com grande concentração de pessoas idosas e menor contingente relativo do segmento etário potencialmente produtivo.¹¹⁹

Essa janela de oportunidade, cada vez mais estreita, faria o combate à fome e a retomada do pensamento de Josué de Castro adquirir um sentido de urgência nesses textos que parece ainda maior do que nos períodos anteriores. Não por acaso, se os textos concluem, em sua maior parte, reafirmando a necessidade de retomar as políticas públicas, os conselhos de participação da sociedade civil e a necessidade de uma reforma agrária efetiva, essas medidas não são acompanhadas da perspectiva emancipatória que algumas vezes o pensamento de Josué de Castro adquiriu ao longo do tempo. Uma nova configuração para o pensamento de Josué parece se apresentar então. Se, por um lado, a urgência faz voltar mais enfaticamente a dimensão militante do pensamento de Josué de Castro, por outro lado, seu horizonte de expectativa se estreita, sendo a urgência da erradicação da fome e o limite da crise socioambiental o máximo de consciência possível apresentada nesse contexto. A ênfase na dimensão militante do pensamento de Josué parece encontrar um novo paradoxo: o impulso pela mudança capaz de garantir alimentação adequada para todos se encontra com alguns limites – tanto a comparação com situações históricas de mudanças profundas no modelo sócio-econômico quanto a inspiração cultural e filosófica emancipatória do pensamento de Josué de Castro se reduzem, diante do que seria a última oportunidade de conseguir erradicar a fome no país.

Considerações finais

Depois de Josué de Castro, o debate sobre o combate à fome se confunde com o próprio debate sobre a obra de Josué de Castro. No entanto, desde a

¹¹⁹CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de. “Tendências temporais de indicadores do estado nutricional no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022, p. 141-142.

colônia o debate sobre a produção de alimentos se acirrava. Caio Prado Júnior menciona algumas determinações legais que tentavam destinar parte das sesmarias e engenhos para o plantio de mandioca, determinações que eram combatidas com vigor pelos senhores de engenho. Ao analisar um desses conflitos, o autor descreve certa lógica na qual a transferência de riqueza para os estratos mais altos da sociedade seria tão elevada que não importava a esses grupos pagar um preço mais alto em alimentos importados para que a produção de exportação não diminuísse. A consequência era que aqueles estratos sociais mais baixos e os escravizados pagavam caro por um alimento escasso e de baixa qualidade. Caio Prado Júnior cita a resposta do senhor de engenho Manuel Ferreira da Câmara a um inquérito realizado em 1807 e resume seu argumento:

‘Não planto hum só pé de mandioca para não cahir no absurdo de renunciar à melhor cultura do paiz pela pior que nelle ha...’. Mas nenhum deles se lembrou de discutir o verdadeiro problema: a fome que periodicamente afligia o Recôncavo. Por que se lembrariam dela, quando os largos proventos que tiravam do açúcar lhes davam de sobra para pagar os preços, que para eles não eram altos, dos gêneros que consumiam?’¹²⁰

A partir do século XX, o debate sobre a fome ganha dimensões maiores e Josué de Castro assume um papel decisivo na abordagem sobre esse fenômeno.¹²¹ Após sua morte, embora o seu nome e seu pensamento estivesse quase sempre presente quando se discutia o combate à fome, nem sempre suas ideias adquiriram um único sentido, como tentamos demonstrar. Os diferentes desafios, contextos históricos, perspectivas políticas, linguagens e concepções de mundo foram emprestando ao pensamento de Josué de Castro diferentes ênfases e formatos, em geral em uma história não-linear da recepção de sua obra. Os avanços e recuos, desvios e atalhos, tomados por aqueles que se apoiavam na obra de Josué foram moldando o modo pelo qual seu pensamento foi sendo transmitido ao longo dessas décadas. A cada tempo, aqueles que se debruçavam sobre a obra de Josué de Castro precisavam lidar com uma nova situação da fome no país e com um conjunto de debates já

¹²⁰PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 164-165.

¹²¹Para uma análise sobre o campo de debates em torno da fome na época em que Josué de Castro produziu sua obra, ver: LEME, Adriana Salay. Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil, 1932-1946. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, out.-dez. 2021, p. 1115-1135.

realizados sobre o pensamento de Josué, refazendo rotas e realizando diferentes percursos. Retomando o comentário de Jeanne Marie Gagnebin, tentamos esboçar “o processo histórico concreto, material, de desistências, de perseverança, de lutas e de violência que transporta ou não, leva ou não, transmite ou não um acontecimento ou uma obra do passado até nosso presente”.¹²²

Assim, em algumas oportunidades, a perspectiva de transformação mais profunda do modelo sócio-econômico aproveitou o pensamento de Josué para impulsionar o combate à fome como elemento decisivo no debate sobre a emancipação humana. Em outras oportunidades, a chance de ampliar direitos sociais e erradicar a fome como parte da construção da cidadania no país orientava a leitura da obra de Josué para a construção de políticas públicas. Por último, a urgência da retomada da fome como fenômeno coletivo e o conjunto de crises econômicas, políticas e socioambientais fez recuperar a dimensão militante do pensamento de Josué, mas em uma última e estreita oportunidade de acabar com a fome no Brasil. Como tentamos mostrar, o percurso das ideias de Josué de Castro é repleto de contradições, com diferentes dimensões do seu pensamento variando e se combinando de maneiras, às vezes, inesperadas. Essas leituras se acumulam e, de alguma forma, compõem de maneira contraditória o modo como recebemos o pensamento de Josué de Castro. Evidentemente, a erradicação da fome não foi ainda consolidada no Brasil e em muitos países do mundo. O pensamento de Josué de Castro permanece, também nesse sentido, inacabado.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo. “Apresentação”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986a.

ABRAMOVAY, Ricardo. “Fome e assalariados rurais”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986b.

AMORIM, Helder Remigio de. *Josué de Castro: um pequeno pedaço do incomensurável*. Jundiaí: Paco, 2022.

¹²²GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin”, art. cit., p. 213.

ANDRADE, Manuel Correia de. “Homem-gabiru: a ausência de alternativas?”. In: PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru: catalogação de uma espécie. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003a.

ANDRADE, Manuel Correia de. “Uma releitura crítica da obra de Josué de Castro”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003b.

ARANTES, Paulo. O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANHA, Adriana Veiga (org.). Fome Zero: uma história brasileira (3 vols.). Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2010.

BAKHTIN, Makhail. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. São Paulo: Editora 34, 2017.

BATISTA FILHO, Malaquias. “Panorama alimentar e nutricional no Brasil”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

BATISTA FILHO, Malaquias; BATISTA, Luciano Vidal. “A Geografia da fome 50 anos depois: o que mudou?”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BELCHIOR, Douglas; MOREIRA, Adriana. “O maior espetáculo do pobre da atualidade é comer”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

BELIK, Walter; SILVA, José Graziano da; TAKAGI, Maya. “Políticas de combate à fome no Brasil”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito da História”. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas, v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAGA, Ruy. A política do precariado: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012.

CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

CANDIDO, Antonio. Crítica impressionista (1958). Remate de Males, Campinas, número especial, p. 59-62, 1999.

CASTRO, Anna Maria (org.). Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro. Petrópolis: Vozes, 1983.

CASTRO, Anna Maria. “Prefácio”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

CASTRO, Anna Maria. “Introdução: Carta ao pai”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de. “Tendências temporais de indicadores do estado nutricional no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

CASTRO, Josué de. Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo. Rio de Janeiro: Editora Casa do Estudante do Brasil, 1951.

CASTRO, Josué de. Documentário do Nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1957.

CASTRO, Josué de. O livro negro da fome. São Paulo: Brasiliense, 1968.

CASTRO, Josué de. Geografia da fome: o dilema brasileiro, pão ou aço. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

CÁTEDRA Josué de Castro. “Da fome à fome: a volta da insegurança alimentar”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022a.

CÁTEDRA Josué de Castro. “Pão ou commodity: geografia da produção de alimentos”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022b.

CHAMMA, Ana Leticia S.; SPAROVEK, Gerd. “De onde vem e para onde vai: o caso do setor agropecuário brasileiro”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022.

CHICO SCIENCE & Nação Zumbi. *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994 (CD).

COSTA, Rafael Maul de Carvalho. “Cidadania e classe: paralelos entre 1888 e 1988”. In: *Escravidados na liberdade: abolição, classe e cidadania na Corte imperial*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2014.

DOWBOR, Ladislau. “Fome: alguns dados básicos”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986.

DREIFUSS, René Armand. “Anos 70: intervenção ‘fria’ no Brasil e ‘quente’ no Chile”. In: *A internacional capitalista: estratégias e táticas do empresariado transnacional (1918-1986)*. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1986.

FAVARETO, Arilson. “Os efeitos territoriais da produção de commodities agropecuárias no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). *Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro*. São Paulo: Elefante, 2022.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Estética e experiência histórica em Walter Benjamin”. In: *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

HARDIN, Clifford M. (org.). *Fome: um problema angustiante*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1969.

HUMES, Dom Claudio. “O encontro com a pobreza e a fome”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Raízes da fome*. Petrópolis: Vozes, 1986.

INSTITUTO de Planejamento de Pernambuco. *Anais do 10 Fórum A Fome e a Atualidade de Josué de Castro*. Recife: CONDEPE, 1994.

LEME, Adriana Salay. *Josué de Castro e as metamorfoses da fome no Brasil, 1932-1946*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 28, n. 4, out.-dez. 2021, p. 1115-1135.

LEME, Adriana Salay. *Josué de Castro e a fome: gênese e gestão de uma questão social no Brasil*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

MAGALHÃES, Rosana. Fome: uma (re)leitura de Josué de Castro. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1997.

MALUF, Renato. “Fome e desigualdades no Brasil: de Josué às disputas contemporâneas”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

MELO FILHO, Djalma Agripino de. “Uma hermenêutica do ciclo do caranguejo”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

MENDONÇA, Marina Gusmão de. O combatente da fome: Josué de Castro, 1930-1973. Bauru: Canal 6, 2021.

MENDONÇA, Sônia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. História do Brasil Recente: 1964-1992. São Paulo: Editora Ática, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; NETO, Otávio Cruz. “Introdução”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

NASCIMENTO, Euclides Almeida do. “A questão da terra no nordeste vista por um trabalhador rural”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

OLIVEIRA, Thiago Azevedo Sá de. O leitor verá... O itinerário da obra literária de Josué de Castro. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

PADRÃO, Susana Moreira; SCHNEIDER, Olivia (orgs). Conflitos e construção coletiva: a segurança alimentar em questão. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

POLANYI, Karl. A grande transformação: as origens políticas e econômicas de nossa época. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

PORTELLA, Tarciana; AAMOT, Daniel; PASSAVANTE, Zélito. Homem-gabiru: catalogação de uma espécie. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

PRADO JÚNIOR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 1971.

RIBEIRO, Ana Paula. “Cozinhas Solidárias: o combate à fome nos territórios e nas ocupações do MTST”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

SALLES-COSTA, Rosana. “Desafios políticos da retomada da fome e da insegurança alimentar no Brasil”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

SAMPAIO, Plínio Arruda. “Reforma agrária, produção e consumo de alimentos”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Milton. Saúde e ambiente no processo de desenvolvimento. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 8(1), 2003, p. 309-314.

SANTOS, Milton. Pobreza Urbana. São Paulo: Edusp, 2023.

SAWAYA, Ana Lydía (org). Desnutrição, Pobreza e Sofrimento Psíquico. São Paulo: Edusp, 2011.

SILVA, José Graziano da. “O militante Josué de Castro”. In: CAMPELLO, Tereza; BORTOLETTO, Ana Paula (orgs). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

SILVA, José Graziano da; GROSSI, Mauro Eduardo del; FRANÇA, Caio Galvão de (orgs.). Fome Zero: a experiência brasileira. Brasília: MDA, 2010.

SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso. “Introdução”. In: SILVA, José Graziano da; CARNEIRO, Carla Barroso; CEOLIN, Saulo Arantes (orgs.). Josué de Castro e a diplomacia da fome. Brasília: FUNAG, 2023.

SINGER, Paul. “Os efeitos da crise econômica sobre o estado de nutrição dos brasileiros”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

SINGER, André. Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA BARROS. “Prefácio”. In: TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1974.

TOBELEM, Alain. Josué de Castro e a descoberta da fome. Rio de Janeiro: Editora Leitura S.A., 1974.

TONELLI, Pedro. “A questão da terra no sudoeste do Paraná: visão de um trabalhador”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Raízes da fome. Petrópolis: Vozes, 1986.

ZAIDAN FILHO, Michel. “Representações sociais da miséria no Nordeste”. In: ANDRADE, Manuel Correia de; et. alli. Josué de Castro e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu, 2003.

Recebido em 23 de janeiro de 2024
Aprovado em 25 de março de 2024

